CONTRAPONTO

JORNAL ELETRÔNICO DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS

DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Criação: Setembro DE 2006

(Agosto 2022 - 163ª Edição)

Legenda: Penso... Logo Questiono!

Patrocinadores:

ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO IBC

"Enquanto houver uma pessoa discriminada, todos nós seremos discriminados."

Por que é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito?!

Editoração eletrônica: MARCIA DA SILVA BARRETO

Distribuição: gratuita

CONTATOS:

Telefone: (0XX21) 2551-2833

Correspondência:

Rua Marquês de Abrantes 168 Apto. 203 – Bloco A

CEP: 22230-061

Rio de Janeiro – RJ

e-mail: contraponto.exaluibc@gmail.com

Site: jornalcontraponto.exaluibc.org.br/

EDITOR RESPONSÁVEL: VALDENITO DE SOUZA

e-mail: contraponto.exaluibc@gmail.com

EDITA E SOLICITA DIFUSÃO NA INTERNET.

---

SUMÁRIO:

1. EDITORIAL

\* Quem sabe faz aos vivos

2. A DIRETORIA EM AÇÃO # DIRETORIA EXECUTIVA

\* Relatório de Atividades no Mês de agosto

3. O IBC EM FOCO # VITOR ALBERTO DA SILVA MARQUES

\* O IBC de ontem, de hoje e do futuro

4. ANTENA POLÍTICA # SANDRO LAINA SOARES

\* Setembro de Luta

5. DE OLHO NA LEI # MÁRCIO LACERDA

\* Urnas eletrônicas das Eleições 2022 trarão novidades em termos de acessibilidade

6. A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL E O MERCADO DE TRABALHO #ANDRÉ FROES

\* Congresso Reatech debaterá a acessibilidade e a inclusão de pessoas com deficiência

no mercado de trabalho

7. DV EM DESTAQUE# JOSÉ WALTER FIGUEREDO

\* TrackAI da Huawei mostra promessa na deteção precoce de deficiência visual

8. TRIBUNA EDUCACIONAL # ANA CRISTINA HILDEBRANDT

\* Educação para a Política

9. SAÚDE OCULAR # RAMIRO FERREIRA

1. No dia de combate ao fumo, especialista alerta sobre os riscos do cigarro

2. Cigarros eletrônicos

3. Fumantes têm mais chances de desenvolver doenças nos olhos

10. DV-INFO # CLEVERSON CASARIN ULIANA

\* Malware sofisticado é descoberto em placas-mãe da Asus e Gigabyte

11. IMAGENS E PALAVRAS # CIDA LEITE

\* A importância da audiodescrição nas plataformas de streaming

12. PAINEL ACESSIBILIDADE # MARCELO PIMENTEL

\* Estão abertas as inscrições para a 2ª Edição do Prêmio de Acessibilidade

13. PERSONA # IVONETE SANTOS

\* diário: a história e a rotina de uma jovem que ficou cega

14. IMAGEM PESSOAL # CARLOS ALBERTO FERREIRA

\* Tentando pensar no depois…

15. CONEXÃO ESPIRITUALIDADE # COLUNA LIVRE

\* Pais brilhantes

16. CONTRAPONTO EXPRESS # LÚCIA MARA FORMIGHIERI

\* O homem que modernizou a imprensa brasileira

17. PANORAMA PARAOLÍMPICO # ROBERTO PAIXÃO

\* Garotada do Brasil vai à França disputar torneio de futebol de cegos

18. TIRANDO DE LETRA # JOICE GUERRA

1. Justamente

2. Anjos sem asas

19. BENGALA DE FOGO # COLUNA LIVRE

\* Assis Ângelo, cego há sete anos, lança cordéis sobre a pandemia

20. NOSSOS CANAIS # NOVIDADES NOS CANAIS

21. CLASSIFICADOS CONTRAPONTO # ANÚNCIOS GRATUITOS

\* Aos 15 anos, jovem porto-alegrense com deficiência visual lança livro de poesias

22. FALE COM O CONTRAPONTO#: CARTAS DOS LEITORES

--

ATENÇÃO:

"As opiniões expressas nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus colunistas".

# 1. EDITORIAL

NOSSA OPINIÃO:

\* Quem sabe faz aos vivos

Em meados dos anos 70 as perspectivas profissionais dos que buscavam um

caminho a seguir eram bem mais restritas do que as que hoje se

apresentam como possibilidades a nós, cegos.

Foi então que surgiu Domingos Cessa Netto com o que então era revolucionário,

qual seja a profissionalização de deficientes visuais na área de processamento

de dados.

Domingos, que era engenheiro, se tornara cego e por iniciativa

própria conseguira fazer-se um profissional desta área mas, idealista

que era, quis abrir o caminho que desbravara por si a outros.

E o fez com muita competência e muita luta também e, agora que o perdemos

para aquela que, levando a cada um de nós, um dia nos levará a todos,

faz-se tempo de reverenciar-lhe a memória agradecendo-lhe em nome de

cada um a mudança que possibilitou na vida de tantos de nós.

Tenho a certeza que mesmo os que dele divergiram por questões

circunstanciais lhe reconhecem o mérito de ter sido um desbravador tanto

quanto altruísta quando não guardou apenas para si a descoberta do

caminho novo.

Em nome de todos fica aqui expressa nossa gratidão e um até breve.

# 2. A DIRETORIA EM AÇÃO

ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Diretoria Executiva

Relatório de Atividades no Mês de agosto

- O inventário do patrimônio da Associação foi concluído.

- Reunião de diretoria foi adiada por motivos de viagens de membros.

- Estamos viabilizando assembleia para definirmos reforma do estatuto.

# 3. O IBC EM FOCO

Colunista: VITOR ALBERTO DA SILVA MARQUES (vt.asm@oi.com.br)

\* O IBC em Foco - Realidade e utopia

O IBC de ontem, de hoje e do futuro

Desta vez, este colunista mergulhará em fontes inimagináveis, em busca da

travessia reveladora de conceitos antes não trabalhados.

O IBC, antes protagonista, por sua alta relevância, pela entrega de uma

educação especializada de alunos cegos e de baixa visão, e pela formação de

profissionais reconhecidos com eco em toda a América Latina, hoje opera com imensas

barreiras acadêmicas, que o levam a se transformar em uma instituição com

dúbias respostas em face das exigências de uma sociedade em permanente mutação.

Prédica e prática estão em caminhos paralelos, inviabilizando sua convergência.

Nossa instituição, fundada pelo Imperador Pedro II, com os alicerces fixados

pela marca do Professor, Matemático, militar positivista Benjamin Constant Botelho

de Magalhães, como seu Diretor durante 20 anos, até à Proclamação da República,

foi se amoldando aos novos tempos, irradiando sua influência sócio pedagógica

junto às nossas crianças e nossos adolescentes cegos e de baixa visão.

Foi assim em 1942, com a criação da Imprensa Braille, pelo Professor José

Espínola Veiga, que viria a ser o Professor de Inglês de nosso Instituto.

A partir daí, o Sistema Braille passou a ser a mais importante ferramenta de

comunicação, educação e Cultura de todos nós, cegos.

Com ele, passaríamos a ter uma imensa gama de publicações de diversos enfoques,

científicos, literários, e obras escolares diversas.

Tudo isso nasceu graças a imensos esforços e enormes conquistas de nossos

profissionais, em sua maioria constituídos de cegos protagonistas de uma época

histórica gloriosa.

Mas como diz a letra de uma música: "Nem tudo é pra sempre!”

Pelos anos afora, mantivemos a força da resistência e ainda obtivemos

conquistas importantes, que se converteram em realizações pedagógicas, capazes

de abrir portas para o mercado de trabalho de jovens egressos de nossa

instituição em diferentes áreas, seja como intelectuais ou operários, no campo

privado e no setor público, como força afirmativa emancipada.

Apesar da Lei de cotas, como um dos instrumentos de ações afirmativas,

as vagas estão se estreitando e se tornando cada vez mais restritivas para os

diferentes segmentos de pessoas com deficiência.

E a essa altura, o IBC deixava sua posição proativa para assumir uma

postura reativa, já que deixava de ser a única força na educação

especializada, até mesmo no Brasil.

São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, tomavam a dianteira nesse

trabalho de construção educacional das pessoas com deficiência Visual.

O IBC, nas duas últimas décadas seria inexoravelmente arrastado em uma

desastrosa avalanche de enganos do MEC e do mundo acadêmico, que resultaria em consequências desfavoráveis para o público cego e de baixa visão.

Há que pontuar alguns aspectos de difícil reversão e que, a princípio, nada

têm a ver com a pandemia, embora esta tenha agravado a qualidade do

ensino, não só para os jovens cegos:

1. O fenômeno da desbrailização, com a justificativa não muito aceitável do

avanço dos recursos tecnológicos. Em certa medida, o braille é insubsrituível e

os recursos digitais tem seu espaço próprio, não excluindo o sistema braille.

Embora esse fato seja fenômeno mundial, não justifica o IBC ter perdido a

primazia do uso do braille, desde os primeiros passos da alfabetização.

2. Nós, pessoas cegas, em parrticular os profissionais da nossa instituição,

temos produzido muito pouco em termos de literatura científica relativa às

nossas questões, tornando-nos dessa forma, um tanto quanto tutelados, ao

pensarmos na produção significativa, por vezes, de conteúdo conceitualmente

duvidoso dos chamados especialistas de carteirinha.

Ao contrário, a nossa intenção não é a de desmerecer as boas produções.

É a de pontuar nossa autocrítica, diante de nossa pífia produção

Recentemente, foi produzida uma polêmica pouco razoável: "O IBC é dos cegos".

Alguns contrariaram a afirmação, dizendo: O IBC é para os cegos.

Nenhum dos lados possui a razão absoluta: "O IBC é dos cegos e para os cegos.”

Aliás, o futuro dirá, que IBC teremos.

Certamente, não será mais o mesmo que encontramos ontem.

Professor Vitor Alberto.

# 4. ANTENA POLÍTICA

Colunista: Sandro Laina ( sandrolaina@sandrolaina.com.br)

Setembro de Luta

No dia 21 de Setembro, todo ano, é comemorado no Brasil o Dia de Luta da Pessoa com Deficiência. Associações, mídia e governos utilizam o dia para lembrar as lutas, comemorar conquistas e dar publicidade de projetos e programas voltados para este público. Mas de onde surgiu a data?

O Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência foi instituído pela Lei nº 11.133/2005 com o objetivo de conscientizar sobre a importância do desenvolvimento de meios de inclusão das pessoas com deficiência na sociedade. A data que já era comemorada desde 1982, foi uma iniciativa do Movimento pelos Direitos das Pessoas Deficientes – MDPD, grupo que debate propostas de transformações sociais em prol dos portadores de deficiência há mais de 40 anos. Como uma luta permanente, a data se aproxima ao início da primavera, pois marca o nascimento e renovação desse movimento, suas reivindicações são pelas políticas de Inclusão e o fim da exclusão social que é cotidiana em nossa sociedade.

Deficiências específicas possuem datas de comemoração específicas, como a Deficiência Visual, que tem seu dia de comemoração no dia de Santa Luzia, dia 13 de dezembro. Mas o dia 21 é o dia de Luta, uma data que simboliza a luta unificada de todo o movimento, em busca da inclusão e acessibilidade.

Importante lembrar que ainda existe o dia 03 de dezembro, data instituída pela ONU como o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência. A data é uma lembrança pela década da pessoa com deficiência (1983/1992. Muitos eventos de âmbito internacional usam a data para fazer menção às lutas de PCDs. No entanto, assim como no Brasil, outros países possuem datas nacionais, sempre remetendo a acontecimentos locais que impulsionaram a luta de pessoas com deficiência naquele país.

Como mês de luta, importante lembrar a data de importância ímpar para nossa associação, a de fundação de nosso Instituto Benjamin Constant, IBC, no dia 17 de setembro. Este ano comemora-se 168 anos de luta, conquistas e muito serviço prestado ao seguimento de pessoas cegas ou com baixa visão em nosso país.

Se hoje o IBC recebe pessoas cegas basicamente do Rio e grande Rio, no século passado recebia de todo o país, e até de fora dele. Foi no IBC e em algumas outras instituições que surgiram durante o século passado, quase todas sobre a influência direta do casarão fluminense, os movimentos organizados por pessoas cegas, protagonistas das conquistas que alcançamos no fim do século XX e início deste século.

Parabéns ao IBC e a todos que por lá passaram e que por ele nutrem carinho especial,

como este colunista.

COLUNISTA: Sandro Laina ([sandrolaina@sandrolaina.com.br](mailto:sandrolaina@sandrolaina.com.br))

Opiniões são benvindas por nossas redes:

[sandrolaina@sandrolaina.com.br](mailto:sandrolaina@sandrolaina.com.br) e @sandrolaina

# 5. DE OLHO NA LEI

Colunista: MÁRCIO LACERDA (marcio.o.lacerda@gmail.com)

\* Urnas eletrônicas das Eleições 2022 trarão novidades em termos de acessibilidade

Novos recursos, a serem disponibilizados pela Justiça Eleitoral, são voltados para pessoas com deficiência visual e para quem tem deficiência auditiva

As urnas eletrônicas que serão utilizadas nas Eleições 2022 contarão com duas grandes novidades em termos de acessibilidade, uma voltada para pessoas com deficiência visual, e outra para pessoas com deficiência auditiva. Essa preocupação com a inclusão de todo o eleitorado é constante na Justiça Eleitoral (JE). Por isso, desde a criação da urna eletrônica, alguns recursos vêm sendo utilizados para que todos tenham a oportunidade de votar. Em celebração ao Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, comemorado nesta sexta-feira (3), o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) faz questão de reforçar seu compromisso com uma democracia inclusiva.

A sintetização de voz, recurso voltado para eleitores com deficiência visual, foi aprimorada para as eleições do próximo ano. Além de melhorias na qualidade geral do áudio, agora serão falados os nomes de suplentes e vices. Nas Eleições 2020, por exemplo, a urna só emitia um som informando o nome da candidata ou candidato titular.

E, para maior fidelidade na fala dos nomes dos concorrentes, agora também será possível cadastrar um nome fonético. “Isso significa escrever o nome do jeito que ele é falado. Assim, o software não erra e fala o nome dos candidatos e das candidatas corretamente”, explica o chefe da Seção de Voto Informatizado do TSE, Rodrigo Coimbra.

A outra novidade, voltada para pessoas com deficiência auditiva, é a inclusão da apresentação de um intérprete de Libras na tela da urna, para indicar quais cargos estão em votação. “Essa foi uma sugestão de duas eleitoras do Mato Grosso do Sul, demonstrando que a Justiça Eleitoral está sempre atenta aos anseios das eleitoras e dos eleitores”, destaca Coimbra.

Fotografia cega

João Maia, primeiro fotógrafo deficiente visual do mundo a capturar imagens de uma Paralimpíada, celebra a chegada das novas funcionalidades. “Todo recurso disponibilizado para que a pessoa com alguma deficiência possa ter total autonomia para exercer o seu direito de voto é mais do que bem-vindo. Cada avanço é uma conquista de toda a militância, como a introdução do Braille no teclado da urna, depois o sintetizador de voz e agora a introdução de mais essas ferramentas”, comemora.

João só enxerga cores e formatos desfocados, o que o enquadra na categoria de deficiência conhecida como baixa visão. Natural de Bom Jesus (PI), ele perdeu a visão em 2004, aos 28 anos, por conta de uma uveíte bilateral (inflamação ocular autoimune), que surgiu de forma repentina na vida do então funcionário dos Correios.

A visão do olho direito foi completamente perdida após um descolamento de retina. No esquerdo, a consequência da inflamação foi uma lesão no nervo óptico. Desde que cobriu os Jogos Paralímpicos de 2016, seu trabalho vem sendo acompanhado por mais de dez mil seguidores no instagram @fotografiacega\_.

Segundo ele, é preciso garantir a pluralidade. “Só podemos exercer esse direito da democracia através do voto. É por meio dele que temos a oportunidade de escolher pessoas que nos ajudem a mudar a história e a construir uma sociedade mais igualitária. Precisamos ter uma democracia que seja para todos. É participando dela que eu me sinto um verdadeiro cidadão. Se hoje temos um deputado cego nos representando, é porque pudemos votar e escolher nossos representantes”, afirma.

O Brasil tem cerca de 150 milhões de eleitoras e eleitores. Desse total, 1,15 milhão são pessoas com algum tipo de deficiência. Números como esses reforçam a necessidade de uma democracia cada vez mais inclusiva, que enalteça a diversidade, fortaleça a cidadania e garanta o acesso de todas as pessoas ao exercício do voto.

Publicação

No final de novembro deste ano, o TSE lançou a publicação Acessibilidade na Justiça Eleitoral Ano-Base 2020, que traz um panorama do trabalho da JE pela promoção da cidadania, bem como na busca pela inclusão e pelo acesso ao voto por todo o eleitorado.

No material e na página de gestão da acessibilidade e inclusão no Portal do TSE, é possível encontrar um detalhamento de inúmeras ações realizadas em 2020 pelo Tribunal e pelos Tribunais Regionais Eleitorais (TREs) voltadas para o implemento do Programa de Acessibilidade na inclusão do eleitorado com deficiência.

Além disso, a publicação detalha as iniciativas voltadas para o corpo funcional do Tribunal promovidas em 2020 em atenção personalizada a alguma servidora ou a algum servidor com deficiência que necessitou de adaptações para a nova realidade de home office, ou mesmo voltadas para a conscientização plural de toda a força de trabalho e para a sociedade. A atuação do TSE acontece por meio da Seção de Gestão Socioambiental e da Comissão Permanente de Acessibilidade e Inclusão.

Sobre a data

Em 1992, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, que passou a ser comemorado no dia 3 de dezembro. A iniciativa tem como objetivo conscientizar a sociedade para a igualdade de oportunidades a todas as cidadãs e a todos os cidadãos; promover os direitos humanos; conscientizar a população sobre assuntos de deficiência; celebrar as conquistas da pessoa com deficiência; e pensar a inclusão desse segmento na sociedade.

Disponível em: Urnas eletrônicas das Eleições 2022 trarão novidades em termos de acessibilidade — Tribunal Superior Eleitoral (tse.jus.br)

De Olho na Lei

Márcio Lacerda

E-mail: Marcio.o.lacerda@gmail.com

Twitter: @MarcioLacerda29

# 6. A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL E O MERCADO DE TRABALHO

Colunista: ANDRÉ FROES

([andremoraesfroes@gmail.com](mailto:andremoraesfroes@gmail.com))

\*Congresso Reatech debaterá a acessibilidade e a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho

Evento faz parte da programação de conteúdo da 17ª Feira Internacional de Tecnologias em Reabilitação, Inclusão e Acessibilidade, que acontece de 1 a 4 de setembro, no São Paulo Expo

O principal desafio para promover a inclusão e a acessibilidade das pessoas  com deficiência no mercado de trabalho é compreender quais aspectos limitam esse grupo.

E essa limitação não está no geral nas deficiências que elas  apresentam.

Questões culturais e visão de mundo são o que essencialmente funcionam como barreiras na sociedade.

E, como lembra Paulo Serra, diretor de Inovação da Blue Ocean Events, empresa responsável pela curadoria do Congresso Reatech de Inclusão e Acessibilidade no Mercado de Trabalho, “o ambiente das empresas acaba replicando esse universo”.

Pelo último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE, são mais de 45 milhões de brasileiros que possuem algum tipo de dificuldade para ver, ouvir, se locomover ou tem algum tipo de incapacidade mental. Segundo o Painel de Informações e Estatísticas da Inspeção do Trabalho, no Brasil há 768.723 vagas reservadas para PCDs - Pessoas Com Deficiência. Desse total, 712.829 estão trabalhando em empresas privadas, 35.551 em empresas de economia mista e 20.343 na administração pública. No entanto, pouco mais de 50%, ou cerca de 372 mil do total de vagas estão ocupadas.

O Congresso, que será realizado de 1 a 3 de setembro, faz parte da programação de conteúdo da Reatech -Feira Internacional de Tecnologias em Reabilitação, Inclusão e Acessibilidade, promovida pela Fiera Milano Brasil, entre os dias 1 e 4 de setembro,

no São Paulo Expo. Para Serra, a acessibilidade e a inclusão são temas importantíssimos que precisam ser mais discutidos na sociedade. “É fundamental que as empresas entendam os desafios enfrentados diariamente por pessoas com deficiência, cuja inclusão deve ser uma prioridade política, educacional e corporativa no Brasil”.

Por isso mesmo, Acessibilidade e Inclusão Social das pessoas com deficiência nas empresas foram os temas âncoras escolhidos para o Congresso Reatech. Maurício Macedo, CEO da Fiera Milano Brasil, destaca que “será um encontro com foco corporativo e que mostrará como as empresas têm trabalhado para promover a inclusão e a acessibilidade dessas pessoas. Como as lideranças atuam na gestão e interagem com elas, fazendo com que a inclusão não seja apenas uma obrigação, uma necessidade de cobrir uma cota, mas que seja efetiva. É um evento que fala de contratação, desenvolvimento e capacitação de pessoas na prática”.

Retenção de talentos

Para debater essas questões, o Congresso Reatech de Inclusão e Acessibilidade no Mercado de Trabalho contará com especialistas reconhecidos no Brasil e no exterior como a procuradora e coordenadora nacional de Promoção da Igualdade de Oportunidades e Eliminação da Discriminação no Trabalho do Ministério Público do Trabalho (MPT) Adriana Reis de Araújo, Larissa Lopes, head global de Diversidade e Inclusão do grupo BRF, Carolina Gomes, diretora executiva de Gente e Gestão do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, Daniele Botaro, Head de Diversidade e Inclusão LATAM na Oracle - entre muitas e muitos outros líderes no setor.

“São pessoas que têm trabalhos ligados à inclusão e à acessibilidade. Entendem que de nada vale você investir e em poucos meses a pessoa sair da empresa por não se sentir incluída”, explica Serra. “As empresas precisam ter uma atuação para reter talentos entre as pessoas com deficiência. Os debates mostrarão que na iniciativa privada existe essa preocupação, mas deve ser ampliada”.

Dentre outros painéis que serão apresentados durante o congresso estão: “O Papel das Organizações e da Sociedade na Quebra dos Paradigmas Ligados à Inclusão de Pessoas com Deficiência”, a “Capacitação de Líderes para Interagir, Envolver, Capacitar e Engajar Pessoas com Deficiência ou em Reabilitação”, e “Como as Lideranças fomentam a Promoção de uma Cultura que Favoreça a Integração e Empatia e Diversidade”.

A programação completa do evento está disponível no site https://reatechbrasil.com.br/16/congresso-reatech/.

//fonte: https://reatechbrasil.com.br/16/congresso-reatech-debatera-a-acessibilidade-e-a-inclusao-de-pessoas-com-deficiencia-no-mercado-de-trabalho/

# 7. DV EM DESTAQUE

Colunista: JOSÉ WALTER FIGUEREDO (jowfig@gmail.com)

\* TrackAI da Huawei mostra promessa na deteção precoce de deficiência visual

Todos os dias, e a cada minuto, uma criança fica cega, e as luzes e cores do mundo fecham-se potencialmente para sempre. Fundamental para o tratamento de muitas deficiências visuais é a deteção precoce, para a qual faltam meios, principalmente entre as crianças de segmentos mais desfavorecidos da sociedade. Para combater este flagelo com profundo impacto no desenvolvimento global das crianças, a Huawei partilhou mais informações sobre o seu TrackAI, que desde 2019 já permitiu fazer mais de 4500 rastreios visuais.

Nas palavras de Simon Zhang, diretor de marca do Huawei Consumer Business Group, “a deficiência visual é um problema que interfere com o desenvolvimento geral e com a vida social das crianças. Na sua maioria, os problemas oculares são difíceis de detetar, uma vez que examinar crianças muito jovens é sempre complexo — com os mais novos a comunicação é desafiante porque, muitas vezes, estes ainda não sabem expressar exatamente o que sentem. Foi a pensar nisso que a equipa da Huawei quis promover um dispositivo fácil de usar, portátil e acessível, para ajudar os profissionais não treinados a identificar precocemente estas crianças, na esperança de alcançar um mundo onde não existem jovens com deficiência visual”.

No âmbito do projeto, foi desenvolvida uma colaboração única entre a Huawei e a start-up DIVE Medical. O papel da DIVE (Device for an Integral Visual Examination) é apresentar diferentes estímulos num ecrã de alta resolução e captar o olhar do paciente utilizando um rastreador ocular. A plataforma HiAI da Huawei foi utilizada em combinação com a DIVE para criar um modelo de inteligência artificial capaz de analisar automaticamente os dados de observação recolhidos e estimar a probabilidade de um paciente ter um desenvolvimento visual anómalo. Assim, é utilizado um smartphone Huawei juntamente com o dispositivo DIVE para controlar a execução da exploração visual e a qualidade dos dados recolhidos, bem como visualizar os resultados do rastreio em tempo real. Com essa informação, o técnico pode, mais facilmente, concluir se a criança precisa ou não de ser encaminhada para um especialista.

O projeto TrackAI tem tido êxito na deteção de anomalias visuais em crianças mais novas, uma vez que, nesta idade, é frequente as crianças não cooperarem o suficiente para realizar os rastreios visuais tradicionais, tornando difícil para os profissionais a deteção de potenciais problemas oculares nos controlos de saúde regulares. Felizmente, com esta tecnologia tudo se torna mais simples.

TrackAI celebra marcos globais significativos desde o seu lançamento

Até à data, este projeto alcançou resultados impressionantes, tendo sido concluídos 4.500 exames oculares em vários países, entre 2019 e 2021. Só em Espanha, o Hospital Universitário Miguel Servet completou mais de 1.800 rastreios com o projeto TrackAI, desde setembro de 2020.

Ao resolver os desafios do diagnóstico oftalmológico em crianças muito pequenas, o TrackAI já teve um impacto positivo na vida de muitas famílias. Em Madrid, o projeto TrackAI permitiu detetar hipermetropia – um dos erros refrativos mais comuns em crianças – numa criança de quatro anos que, à partida, não tinha quaisquer problemas visuais diagnosticados. No México, um paciente de três anos apresentou, num exame médico regular, um risco elevado de estrabismo durante o rastreio TrackAI, tendo sido revelado o contraste na acuidade visual entre o olho esquerdo e o direito.

“Ao lançar o projeto de rastreio TrackAI para testar uma população considerável de crianças, fomos capazes de confirmar o seu enorme potencial. Nos últimos anos, obtivemos informações sobre o desenvolvimento visual de crianças muito pequenas e crianças com perturbações neurocognitivas, que são sempre muito difíceis de explorar”, partilha a Dra. Victoria Pueyo, Oftalmologista Pediátrica e Cientista Chefe da DIVE Medical. “Também recebemos um feedback muito positivo de todos os profissionais envolvidos no projeto”.

Planos do TrackAI para 2022

Este ano, o TrackAI deverá ter um impacto ainda maior, sendo já antecipado que mais de 2.000 crianças vão poder beneficiar deste projeto, uma vez que a ideia será expandi-lo de forma a cobrir mais países da Europa, África e América Latina, tais como França e África do Sul. Entretanto, a DIVE está a atualizar o software e também os dispositivos utilizados, que passam agora a ser o Huawei P50 e Huawei Matebook E para, assim, melhorar a precisão desta tecnologia.

Neste momento, e após as fases iniciais de desenvolvimento da validação, o projeto de rastreio TrackAI está pronto para ser expandido para fora dos centros hospitalares. Em 2022, o projeto será alargado a escolas e jardins de infância, a fim de levar os rastreios visuais precoces a mais crianças em todos os países envolvidos. Através deste projeto, será também assegurado que todas as crianças com elevada probabilidade de terem problemas visuais sejam encaminhadas para um oftalmologista, que realizará um exame completo para fornecer um diagnóstico e iniciar o tratamento adequado, caso necessário.

“Esta colaboração permitiu-nos alcançar um progresso incrível no desenvolvimento e na implementação da nossa plataforma de rastreio visual, o que demonstra que as grandes empresas tecnológicas e os investigadores devem trabalhar em conjunto para dar resposta aos desafios da atualidade. Com o apoio da Huawei, conseguimos alcançar milhares de crianças e estamos entusiasmados por continuar nesta viagem rumo à erradicação de todas as perturbações visuais evitáveis”, afirma Marta Ortín, CTO da DIVE Medical.

À medida que o projeto cresce, continua a beneficiar mais crianças e as suas famílias, fornecendo uma solução precisa e rápida para a deteção precoce de problemas visuais. Este ano, a Huawei anuncia, pela primeira vez, o lançamento do TrackAI em França, colaborando com um hospital e escolas locais. A equipa pretende realizar 400 rastreios neste país e ajudar, assim, a prevenir doenças visuais das crianças francesas . Desta forma, a Huawei espera mostrar, uma vez mais, o seu empenho em disponibilizar tecnologias que fazem, de facto, a diferença na vida das pessoas, como é o caso do TrackAI, um projeto que vai continuar a ter um impacto positivo e do qual se espera que se torne uma importante ferramenta para o diagnóstico precoce de crianças com deficiência visual em todo o mundo.

Nas palavras de Simon Zhang, “a Huawei está empenhada em fazer a diferença na procura de novas formas de desbloquear a saúde para todos. Ao alargar a cobertura do projeto TrackAI, esperamos oferecer a mais pessoas o acesso a programas de rastreio visual precisos para diminuir a taxa de deficiências visuais não detetadas, trazendo maior valor às crianças , às suas famílias e às comunidades em todo o mundo”.

Fonte:

http://www.deficienciavisual.pt/noticias.htm#trackai

# 8. TRIBUNA EDUCACIONAL

Colunista: ANA CRISTINA HILDEBRANDT ([anahild@terra.com.br](mailto:anahild@terra.com.br))

Educação para a Política  
  
  
A cerca de um mês das eleições, embora nossa tribuna não seja  
diretamente voltada ao tema político, vamos falar de política.

Não é possível dissociar educação de política, já que a educação é um ato  
político, na medida em que forma as próximas gerações para a interação  
no mundo, sendo ela própria um ato de interação.  
  
Eu mesma já disse aqui que a educação é um excelente tema, explorado  
pelos políticos de carreira para se promoverem, sem real compromisso com  
a população que vai receber a educação que eles oferecem ou defendem. Em  
plena campanha ouvimos promessas e discursos sobre crianças e  
professores, escolas e universidades, pesquisa e tecnologia, ensino,  
liberdade... Tudo o que está intrinsecamente relacionado ao tema de  
nossa tribuna. As perguntas que me faço são: qual é a história do  
candidato na área da educação? Desde os mais famosos na vida política do  
Brasil até os ilustres desconhecidos, como procedem relativamente à  
sociedade em geral? Para quem desejam a liberdade?  
  
Todo partido, bem como os indivíduos que os compõem, têm uma identidade  
- que pode ser, inclusive, falta de identidade. Eles são sustentados por  
grupos, que os apoiam e financiam, grupos estes que cobrarão, mais  
tarde, o posicionamento dos eleitos a favor de suas causas. É importante  
que o eleitor consciente saiba quem são estes grupos. quem, de fato,  
fala em nome da população, da maioria, a qual será o "público alvo" do  
trabalho dos eleitos.  
  
Quando digo isso, não me refiro apenas aos cargos majoritários, pois,  
talvez, seus ocupantes tenham menos poder real do que as câmaras  
(federal, estaduais e senado). Aliás, uma preocupação de todos os  
partidos, como nossa também, deveria ser o entendimento da população  
sobre a função prática de cada poder dentro do Estado Democrático. Somos  
vulneráveis a todo tipo de promessa e fake news porque não conhecemos bem  
o papel de cada um na máquina governamental, nem quais são nossos  
direitos legais.  
  
Assim, se queremos ter um povo instruído, apto a decidir, realmente,  
seus destinos, consciente, livre, com direitos e deveres para um bom  
convívio social, sem exploração, precisamos conhecer o mundo em que  
vivemos. Um conhecimento que vai além das escolas, que é construído  
diariamente por todos.  
  
Precisamos de uma Educação para a política. Não que se crie uma  
disciplina escolar com este nome, mas que se conduzam aulas como  
história e geografia para o entendimento das sociedades; que se  
mantenha o estudo da sociologia e da filosofia nas escolas; que se  
exercite a capacidade crítica das novas gerações. Contudo, temos que nos  
convencer de que as famílias, a mídia, as redes, igrejas, tudo educa.  
Nós educamos e somos educados, todos os dias, em nossas relações. Só  
quando estivermos conscientes disto é que nos habilitaremos para viver a  
educação para a política.

# 9.SAÚDE OCULAR

colunista: RAMIRO FERREIRA (ramiroferreira91@gmail.com)

1. No dia de combate ao fumo, especialista alerta sobre os riscos do cigarro

O uso de cigarro pode acarretar diversos riscos à saúde. Entre os problemas provocados ou agravados pelo fumo, estão as doenças respiratórias, cardiovasculares e cânceres. Sendo assim, com o intuito de conscientizar acerca dos impactos do hábito, nesta segunda-feira (29/8) é celebrado o Dia Nacional de Combate ao Fumo. A data foi criada por meio da Lei Nº 7.488, de 1986.

Estima-se que aproximadamente 200 mil brasileiros morrem anualmente em decorrência do hábito de fumar. No cenário mundial, dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam cerca de 8 milhões de mortes por ano causadas pelo consumo de tabaco.

Além do uso direto, as pessoas que convivem com fumantes em espaços fechados também estão expostas aos riscos decorrentes do consumo, são os chamados fumantes passivos. “Esses indivíduos também podem apresentar uma piora nas doenças maculares, com aumento do risco de infartos retinianos, tromboses, além do agravamento da retinopatia diabética e hipertensiva", explica o médico Renato Braz Dias, do grupo Opty.

Tabagismo também afeta a saúde ocular

Renato, especialista em retina e vítreo, explica, ainda, que o uso de cigarros também pode afetar a saúde ocular. De acordo com ele, fumar aumenta de duas a três vezes o risco de Degeneração Macular Relacionada à Idade (DMRI), possibilitando a perda progressiva da visão central. "A degeneração macular nos fumantes está ligada à exposição ao tabaco. Quanto maior o número de cigarros fumados, maior o dano à visão", afirma.

Além da degeneração macular, o hábito de fumar também pode estar associado a outras doenças relacionadas a visão, como glaucoma e catarata. “Essas condições decorrem de danos causados às estruturas internas do olho, como a retina, o nervo óptico e o cristalino. O tabaco também piora quadros de alergias e aumenta as chances dos não-fumantes de sofrer de síndrome do olho seco e ainda causa desconforto para quem usa lentes de contato”, ressalta o médico.

Ainda nesse sentido, o especialista cita um estudo desenvolvido por pesquisadores japoneses na Universidade Farmacêutica Gifu. Na pesquisa, foi observado que a fumaça produzida pelo cigarro gera acúmulo de ferro que mata as células epiteliais da córnea. “A fumaça dos cigarros fere o epitélio, que é a camada mais superficial, capaz de se regenerar, por isso os danos não são permanentes. Entretanto, se exposição for contínua, pode provocar uma lesão na córnea e levar a problemas mais graves”, explica o dr. Renato.

2. Cigarros eletrônicos

No Distrito Federal, cerca de 31% de adolescente entre 13 a 17 anos já usaram cigarro eletrônico. O índice coloca o DF como líder no ranking nacional, proporcionalmente. “Já foi demonstrado que o uso desses dispositivos eletrônicos está diretamente relacionado ao aumento do risco de levar os jovens ao tabagismo, a potencial de dependência e diversos danos à saúde, incluindo a saúde ocular. Porém é bom lembrar que o desenvolvimento das doenças oculares depende de outras variáveis, como a herança genética. O tabaco é um fator de risco que pode ser eliminado, beneficiando a melhora da saúde em geral", alerta o especialista.

Benefícios em parar de fumar

De acordo com a OMS, parar de fumar traz benefícios imediatos e de longo prazo. Em 12 horas, o nível de monóxido de carbono no sangue cai para o normal. De 2 a 12 semanas, há melhora na circulação sanguínea e função pulmonar. Entre 1 e 9 meses, a tosse e falta de ar diminuem. Em 10 anos, o risco de câncer de pulmão cai para metade em relação a um fumante.

\*\*FONTE: Correio Braziliense

3. Fumantes têm mais chances de desenvolver doenças nos olhos

Além de prejudicar pulmão e coração através das toxinas que se espalham pela corrente sanguínea, o cigarro também afeta a visão e pode levar à cegueira. Esta segunda-feira (29) marca o Dia Nacional de Combate ao Fumo e alerta para as doenças decorrentes do tabagismo.

De forma geral, o cigarro envelhece todas as células do organismo e estimula seu processo de oxidação. Esse efeito tende a aumentar a inflamação nos olhos e acaba interferindo nas estruturas oculares.

A oftalmologista Adriana Morgon do Instituto de Olhos do Recife (IOR) apontou que os fumantes têm mais chances de desenvolver catarata precoce e outros quadros como síndrome do olho seco e doença macular relacionada à idade.

"Já se sabe que ele faz uma alteração no metabolismo do cristalino, causando uma catarata. Outra forma que ele atua é na retina. A gente tem a doença macular relacionada à idade, que é uma das principais causas de cegueira acima dos 50 anos, e já se sabe que quem fuma tem até três vezes mais chances de desenvolver a doença", informou a médica.

As 4.700 substâncias tóxicas do cigarro também interferem no nervo ótico e aumentam a pressão intraocular já no uso imediato, sendo um risco aos pacientes com glaucoma, indicou a oftalmologista. "Foi feito um estudo em que se mediu a pressão do paciente antes dele fumar e, logo após ele fumar, essa pressão teve um aumento de 5 mm. Não tem como isso a longo prezo não ser danoso", comentou.

Além das toxinas, a fumaça faz com que fumantes passivos fiquem expostos às mesmas alterações oculares. Ela causa um olho mais ressecado e pode desenvolver intolerância para quem usa lente de contato.

Quem parou de fumar ainda não está livre dos riscos do cigarro aos olhos, pois os efeitos da experiência com o tabaco geralmente não são revertidos. Adriana recomenda que esses pacientes façam o exame completo e sejam acompanhados em consultas a cada seis meses para um eventual tratamento precoce.

"Os efeitos do cigarro são cumulativos e quantitativos. Então, embora uma pessoa seja ex-fumante, as células já foram expostas àquela substância e tiveram um processo de envelhecimento. Isso não muda", frisou.

Como recomendação, além de parar de fumar, é importante lubrificar o globo ocular com colírio e manter hábitos saudáveis de alimentação. Para quem convive com fumantes, é importante se manter afastado enquanto o cigarro estiver acesso e pedir para que o consumo ocorra em locais abertos e arejados.

\*\*FONTE: LeiaJá

# 10. DV-INFO

Colunista: CLEVERSON CASARIN ULIANA (clcaul@gmail.com)

\* Malware sofisticado é descoberto em placas-mãe da Asus e Gigabyte

Por: Emerson Alecrim, para o Tecnoblog

O universo dos malwares é fascinante (e preocupante) porque as ameaças podem vir até de lugares improváveis. Nesta semana, a Kaspersky alertou para um sofisticado rootkit que entra em ação antes de o sistema operacional carregar. Chamado de CosmicStrand, o malware foi encontrado em PCs com placas-mãe Asus e Gigabyte.

A praga não explora nenhum meio novo para contaminar a máquina, mas segue por um caminho pouco comum. Em vez de contaminar o Windows diretamente (ou outro sistema operacional), o CosmicStrand se aloja no firmware da placa-mãe — estamos falando de um rootkit de UEFI.

Um rootkit é um malware de difícil detecção e remoção. Isso porque a ameaça se instala nas “profundezas” do sistema operacional ou, como é o caso aqui, se esconde dentro de um firmware.

Já o UEFI (Unified Extensible Firmware Interface) é uma espécie de intermediador entre o sistema operacional e o hardware do computador, razão pela qual é executado assim que a máquina é ligada.

Se o rootkit está “grudado” no UEFI, o malware também é executado assim que o PC é ligado. É aí que os problemas começam.

De acordo com a Kaspersky, o CosmicStrand está ativo pelo menos desde 2020 e foi encontrado em placas-mãe com chipset Intel H81. Esse é um chipset relativamente antigo, afinal, foi anunciado em 2013 para funcionar com processadores Intel de quarta geração (Haswell).

Isso significa que, se o seu PC é baseado em um processador mais recente ou tem um chipset diferente do Intel H81, ele não está sujeito às ações do CosmicStrand. Bom, pelo menos não há sinal, até o momento, de que outros chipsets tenham sido comprometidos. Então, nada de pânico.

Mas, nas máquinas vulneráveis, o problema merece atenção. O rootkit consegue modificar fluxos de execução do processo de inicialização e acessar recursos específicos do núcleo do Windows.

Teoricamente, essa abordagem dá margem para uma série de ações maliciosas, que vão de captura de dados sigilosos à execução de softwares maliciosos.

Os pesquisadores da Kaspersky revelam que o CosmicStrand faz o Windows carregar justamente um código malicioso. Eles não conseguiram ter acesso a essa carga de software. Mas a suspeita é a de que se trate de alguma ferramenta ligada a um grupo chinês que controla a botnet de mineração de criptomoedas MyKings.

Com base nisso, podemos presumir que as máquinas afetadas pelo CosmicStrand foram usadas para minerar criptomoeda. Mas outras ações maliciosas não estão descartadas.

O nome CosmicStrand foi atribuído ao rootkit pela Kaspersky, mas há indícios que o malware é uma versão do Spy Shadow Trojan, praga identificada pela chinesa Qihoo 360 em 2017, mas que estaria em atuação pelo menos desde 2016.

Também há indícios que os servidores que comandam o malware — para facilitar, tratemos o CosmicStrand e o Spy Shadow Trojan como uma coisa só — estiveram inativos por longos períodos. Essa constatação levanta a hipótese de que o rootkit tenha sido acionado em momentos específicos, talvez para finalidades distintas.

O acionamento em momentos específicos faz sentido se levarmos em conta que o CosmicStrand é uma ameaça persistente. Ela não pode ser removida facilmente do computador. Como o malware se aloja no firmware, nem formatar a máquina resolve o problema.

Atualizar ou reinstalar o firmware é a saída mais lógica. Mas isso só faz sentido se o rootkit for detectado. Essa não é uma tarefa fácil, porém. O CosmicStrand adota algumas estratégias que dificultam a sua detecção por ferramentas de segurança.

Uma pergunta que os pesquisadores ainda não conseguiram responder é: como o CosmicStrand infecta um computador? É uma dúvida muito pertinente. PCs contaminados foram identificados em China, Vietnã, Irã e Rússia, o que sugere uma ação viral. Por outro lado, no geral, a manipulação de um firmware UEFI exige acesso físico à máquina.

Uma possibilidade levantada pela Qihoo 360 é que as unidades comprometidas tenham sido contaminadas por uma revenda de placas-mãe de segunda mão. Mas não há provas que isso tenha acontecido.

De todo modo, o caso serve de alerta. A indústria precisa olhar com mais atenção para problemas de segurança envolvendo UEFI e firmwares como um todo.

# 11. IMAGENS E PALAVRAS

Colunista: CIDA LEITE (cidaleite21@gmail.com)

\* A importância da audiodescrição nas plataformas de streaming

Quais esforços estão sendo feitos para oferecer mais recursos de acessibilidade?

As plataformas de streaming foram conquistando cada vez mais espaço,

novos usuários e também foram se sofisticando com o passar dos anos.

Hoje, além de oferecerem catálogos bem variados, a concorrência

também aumentou consideravelmente.

Essa ascensão ofereceu mais possibilidades de acesso a um vasto

conteúdo audiovisual e vem estimulando a produção de filmes, séries,

documentários, musicais, lives, entre outros.

Mas, quais esforços estão sendo feitos para oferecer mais recursos de acessibilidade,

como a audiodescrição, legendas e janelas de libras, por exemplo?

Quando falamos de audiodescrição, estamos falando de um recurso

importantíssimo de acessibilidade comunicacional, que tem o objetivo

de descrever tudo o que está se passando na tela.

Esse recurso não só contempla pessoas com deficiência visual, mas pessoas

com déficit de atenção, idosos, pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista), etc.

Por isso, a audiodescrição é fundamental para garantir a inclusão e a acessibilidade.

Isso também revela a necessidade de contratações de pessoas com

deficiência nessas produções, seja na atuação ou na equipe técnica.

O fato é que há pouquíssimas oportunidades também no mercado audiovisual,

o que pode limitar ainda mais o debate e comprometer a qualidade do serviço,

pois a audiodescrição deve ser feita por profissionais capacitados, que reconheçam

a importância e a complexidade do recurso em questão.

Apesar de haver, desde 2014, a obrigatoriedade da audiodescrição para

produções audiovisuais que tenham sido financiadas com recursos

públicos, por determinação da Agência Nacional do Cinema (ANCINE),

e também uma lei (14.009/2020) que torna obrigatória a adaptação

em salas de cinema, o que vemos na prática ainda é muito pouco.

Muitas plataformas já oferecem esse recurso em alguns títulos, porém

ainda temos um longo caminho a ser percorrido.

É necessário diversificar os conteúdos, ampliar a divulgação, levar mais informações

ao público, estimular as produções acessíveis, garantindo o nosso direito e possibilitando

a livre escolha de conteúdo, como qualquer outro consumidor, que paga pelo mesmo serviço.

Fonte: https://www.terra.com.br/nos/a-importancia-da-audiodescricao-nas-plataformas-de-streaming,37266341ab11f8f96af76798cd43164cvcgulu9h.html

# 12.PAINEL ACESSIBILIDADE

Colunista MARCELO PIMENTEL (marcelo.pimentel@trf1.jus)

\* Estão abertas as inscrições para a 2ª Edição do Prêmio de Acessibilidade

Os interessados em participar poderão realizar a inscrição no período de

01/08/2022 a 02/09/2022.

A secretaria-executiva do Programa Nacional de Incentivo ao Voluntariado, instituído pelo Decreto nº 9.906, de 09 de julho de 2009, torna público o Edital nº 03/2022, que vai premiar iniciativas de entidades públicas e privadas e de indivíduos que tenham notória atuação na promoção da acessibilidade para pessoas com deficiência.

Poderão concorrer à 2ª edição do prêmio órgãos e entidades da Administração Pública, de natureza pública ou privada, empresas privadas, Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos cadastradas na Plataforma do Programa Nacional de Incentivo ao Voluntariado,

e empresas privadas.

Não poderão concorrer à 2ª edição do prêmio os premiados da 1ª edição.

Para fazer a inscrição é preciso estar logado na Plataforma do Programa Nacional

de Incentivo ao Voluntariado.

As inscrições são gratuitas e devem ser realizadas mediante o preenchimento

de formulário eletrônico, disponibilizado neste endereço

<https://www.gov.br/patriavoluntaria/home>,

no período de primeiro de agosto (01/08) a dois de setembro (02/09).

O regulamento completo poderá ser acessado através do link :

https://www.gov.br/patriavoluntaria/api/uploads/arquivo/203/arquivo.pdf

O que é o Programa Nacional de Incentivo ao Voluntariado

Instituído em 09 de julho de 2019, por meio do Decreto nº 9.906, o Programa é

coordenado pela Casa Civil da Presidência da República.

O objetivo do programa é fomentar a prática do voluntariado como um ato de humanidade, cidadania e amor ao próximo, entre o governo, as organizações da sociedade civil e o setor privado, além de incentivar o engajamento social.

Com informações do Programa Nacional de Incentivo ao Voluntariado.

Fonte: https://www.gov.br/pt-br/noticias/noticias/estao-abertas-as-inscricoes-para-a-2a-edicao-do-premio-de-acessibilidade

Marcelo Pimentel - MarceloLuisPimentel@gmail.com

# 13. PERSONA

Colunista: IVONETE SANTOS (ivonete.euclides@gmail.com)

\* diário: A história e a rotina de uma jovem que ficou cega

SOBREVIVER NÃO É O SUFICIENTE

Maria Stockler Carvalhosa

MARIA STOCKLER CARVALHOSA, de 19 anos, começou a perder a visão no início da adolescência. Seis anos depois do primeiro choque, ela conta como reaprendeu, pouco a pouco, a lidar com o mundo e descobriu uma maneira mais ampla de viver a vida.

2015

SETEMBRO\_ No dia 23, uma quarta-feira, peguei um ônibus de manhã no Jardim Botânico e fui para a Escola Sá Pereira, em Botafogo, no Rio de Janeiro. Ao entrar na sala, tropecei em uma mochila que estava no chão - e que eu não vi. O professor usava uma caneta verde, o quadro era branco, mas tudo na sala de aula parecia sujo e da mesma cor. Eu não conseguia ler a matéria no quadro. Achei aquilo tudo estranho e resolvi ligar para minha mãe. Ela decidiu me levar a um oftalmologista à tarde.

No consultório, que ficava dentro de um hospital, o médico tirou umas fotos dos meus olhos e disse que viu sangue na minha mácula, região no centro da retina. A partir daí foi tudo muito rápido: fui direto fazer um exame de ressonância magnética e logo descobriram que eu estava com hidrocefalia, um acúmulo anormal de líquido nas cavidades do cérebro - o LCR (líquido cefalorraquidiano) -, o que aumentava a pressão sobre o nervo óptico.

Os enfermeiros me colocaram em uma cadeira de rodas e me levaram para a UTI do hospital. Eu não estava com nenhum problema para andar, mas disseram que esse era o procedimento. No trajeto, percebi que os funcionários desviavam o olhar e não falavam comigo. Eu dava boa-noite e sorria para todos que passavam, para ver se eles interagiam normalmente comigo. Tudo que eu queria era sair daquele lugar.

O neurocirurgião que me atendeu diagnosticou que a hidrocefalia era congênita - e uma cirurgia foi marcada já para a manhã do dia seguinte, dia 24, para colocar um catéter e uma válvula que regulassem a saída do líquido e, assim, normalizassem a pressão intracraniana.

Após a cirurgia, voltei para casa e minha visão começou a melhorar. Era bom estar ao lado do meu pai, Carlito, da minha mãe, Mari, e da minha irmã mais nova, Cecília. Mas, uns dias depois, comecei a vomitar e a enxergar cada vez pior. O médico disse que meus pais não deviam se preocupar, que isso era normal. Só quando minha boca ficou torta ele pediu que eu fizesse mais um exame. O dreno colocado durante a cirurgia tinha liberado líquido demais, causando um hematoma intracraniano. A pressão excessiva provocada pelo hematoma foi o que acarretou um dano definitivo no meu nervo óptico. Não fosse isso, talvez hoje eu estivesse enxergando.

Eu tinha 13 anos.

OUTUBRO\_ Passei por uma segunda cirurgia para colocar um sifão no catéter e, assim, diminuir um pouco a passagem do líquido. Mas eu estava enxergando cada vez menos. Ficava tonta com frequência, desmaiei algumas vezes e vomitava bastante. Comecei a ver ideogramas cor-de-rosa na parede e pessoas pequenas multicoloridas girando em círculos. O neurocirurgião disse que isso era normal, fazia parte da recuperação. Meus pais, naturalmente, estavam muito preocupados e fizeram várias perguntas, querendo saber por que eu estava cada dia pior. O médico começou a gritar com eles. "Isso aconteceu dentro da sua barriga!", ele disse para minha mãe, e continuou: "Vocês dois deviam se ajoelhar na minha frente porque estou salvando a vida da filha de vocês! Os doentes são vocês, não a sua filha! Eu sou a autoridade, e vou ter que operar uma área sensível do cérebro dela, a vida dela está nas minhas mãos!"

Meus pais queriam ir atrás de uma segunda opinião, mas o médico da nossa família disse que não iria falar com outro neurocirurgião, porque isso provocaria um conflito ético.

No dia 27, terça-feira, surgiu um hematoma intracraniano ainda maior. Eu toco piano, mas não conseguia mais ler a partitura. Nos dias 28 e 31, o médico fez mais duas operações e colocou outra válvula para reduzir ainda mais a passagem do dreno.

As enfermeiras e os amigos dos meus pais rezavam por mim: católicos, do candomblé, budistas e evangélicos. Algumas experiências religiosas foram muito fortes, mas eu tinha consciência de que fiquei doente por acaso e que isso não tinha origem sobrenatural.

Ao mesmo tempo, comecei a ver imagens de demônios e escritos com nomes de seres maléficos. Eu sabia que não eram reais, mas ficava assustada que meu cérebro pudesse produzir coisas tão horríveis. Falei disso para uma psicóloga que apareceu no hospital, e ela disse que poderia ser um efeito colateral da cortisona.

Na época, eu não sabia o que o neurocirurgião tinha dito para os meus pais, quando gritou com eles, mas tinha a impressão de que estávamos anestesiados e não conseguíamos sair daquela situação.

NOVEMBRO\_ No dia 7, meus pais me tiraram do hospital. Precisaram assinar um termo de responsabilidade, porque o médico não me deu alta. Fomos para São Paulo e consultamos outro neurocirurgião. Ele viu o exame de imagem que eu tinha feito no Rio e percebeu que a hidrocefalia tinha sido causada por um glioma, uma formação de tecido nervoso, que impedia a passagem do líquido.

Em São Paulo, fiz a quinta cirurgia, para que o líquido do cérebro voltasse a ser regulado pelo meu corpo. Minha mãe precisou entrar na sala no meio da operação porque não tínhamos um relatório do neurocirurgião do Rio, então não era possível saber qual das válvulas implantadas no meu cérebro era regulável e qual era fixa. Meus pais deram um jeito de descobrir essa informação sem falar com o médico antigo. No final, a operação foi feita com sucesso. Mais duas cirurgias foram marcadas para abril do ano seguinte. Uma para tirar o glioma e outra para tirar o sistema de derivação, como é chamada toda essa tralha que colocaram na minha cabeça.

Depois da quinta cirurgia, minha visão ficou em forma de túnel. No meio tem um escotoma, uma parte cega, como se estivesse coberta por uma fita adesiva. Dos lados, sobram duas janelas, pelas quais vejo com pouca nitidez e contraste. Nessas frestas aparecem milhares de manchas, imagens e palavras de todas as cores que mudam o tempo inteiro. Quando sei que ao meu lado está alguém que eu conheço, consigo ver o rosto, mas não identifico pessoas que nunca encontrei antes. Também não consigo ler de maneira funcional.

De volta ao Rio, consegui assistir a algumas aulas antes do fim do ano letivo. Estavam organizando um sarau para o encerramento do ano na minha escola.

Antes de ir para o hospital, eu tinha combinado com os meus amigos de tocar uma música, mas agora eles não queriam mais. Perguntei por quê. Uma das meninas me disse, toda adolescente e estruturada, que aquilo não tinha mais importância. Meus amigos não sabiam tudo o que tinha acontecido no hospital, e eu perdi as coisas que eles viveram do lado de fora. Perguntei de novo. A menina só ficava repetindo que eles não estavam mais com vontade, que era para eu esquecer. A conversa parecia incompleta, porque eu não conseguia ver o rosto deles, nem a reação que estavam tendo, se estavam me ouvindo, se concordavam ou não comigo - eu não tinha onde me apoiar. Fui ficando desesperada, com a sensação de que minha relação com eles talvez tivesse descarrilhado para sempre.

Às vezes minha mãe, quando precisava de ajuda para alguma coisa, me chamava, mas depois pedia desculpa, e então chamava a minha irmã mais nova. Minha família ainda estava se ajustando à minha nova situação. Eu só me esquecia de tudo quando estava dormindo.

Nos sonhos, eu ainda conseguia ver pessoas e coisas e fazia tudo sem dificuldade.

Nessa época, minha irmã era aluna da escola de dança Maria Olenewa. Um dia, ela estava sendo maquiada pela minha mãe no banheiro, e eu acompanhava tudo, sentada em uma cadeira. De repente, me inclinei para trás e minha visão ficou toda preta por um momento. Saltei da cadeira e gritei que estava ficando cega. Quando fiquei em pé minha visão melhorou, voltei a ver o túnel cheio de manchas coloridas, palavras, imagens reais, misturadas com imagens mentais. Vi que minha irmã tinha saído correndo, e percebi que eu tinha feito algo horrível. Apesar disso, ela dançou muito bem na apresentação.

Uma amiga dos meus pais, Nathalia Santos, foi lá em casa conversar comigo. Ela é jovem e na época estava fazendo faculdade de jornalismo. Foi a primeira pessoa cega com quem conversei. Eu não sabia de nada, e não tinha a menor ideia de como poderia fazer as coisas simples enquanto não enxergasse. Então, ela, que é cega de nascença, me disse uma coisa surpreendente. Falou que, se pudesse escolher, preferia continuar sem enxergar, porque conseguia sentir e entender coisas que são imperceptíveis para os outros. Perguntei se eu tinha que aprender a ler Braille, e ela disse que o mais importante hoje em dia é saber usar direito a tecnologia assistiva.

Nathalia me mostrou como mexer no celular com leitor de tela, um software usado para obter resposta do computador por meio de comandos sonoros. Parecia um filme de ficção científica, uma voz muito rápida e incompreensível lia o que estava escrito e organizava a navegação. Ela me mostrou também os comandos básicos do Dosvox, um programa brasileiro de computador que transforma o que está escrito em áudio. Usei o editor de texto e as pastas para me organizar em um primeiro momento. Mas o acesso de deficientes visuais aos sites e aplicativos depende de eles terem sido feitos conforme a cartilha de acessibilidade, o que nem sempre acontece. Para encontrar coisas básicas, acabo gastando muito tempo com entraves tecnológicos. Se eu enxergasse, entenderia tudo muito mais rápido e de maneira clara.

DEZEMBRO\_ Fui a uma consulta com uma psiquiatra, que me receitou Daforin, um ansiolítico e antidepressivo. Eu estava tendo pensamentos repetitivos e comportamentos similares aos das pessoas com TOC, o transtorno obsessivo-compulsivo. Sabia que os pensamentos não eram reais, mas não conseguia me controlar. Eu ficava com medo de deixar em cima das coisas reais que eu conseguia ver - um sofá, um corrimão, por exemplo - imagens e palavras com algum significado negativo. Quando isso acontecia, eu tentava limpar a superfície do objeto, colocando mentalmente outras imagens e palavras por cima. Depois, fiquei sabendo que eu estava com estresse pós-traumático.

Nos dias em que fiquei no hospital, me deram um ansiolítico, Rivotril, para dormir. A psiquiatra disse para eu só usar esse remédio em caso de grande necessidade. Como eu queria tomar todos os dias, meus pais começaram a me dar soro fisiológico, dizendo que era Rivotril de uma marca genérica chamada Placebo.

2016

JANEIRO\_ Indicaram para os meus pais uma optometrista, Fernanda Leite, e comecei a fazer exercícios de self healing (autocura), prática desenvolvida pelo ucraniano-israelense Meir Schneider. Os exercícios visam a estimular e descansar os olhos, além de estabelecer uma relação da visão com os outros sentidos.

Meu pai me ensinou a digitar no teclado do computador, e minha mãe leu para mim Feliz Ano Velho, de Marcelo Rubens Paiva. No livro, ele conta sobre o acidente que o deixou paraplégico.

Um dia, fui bem cedo à praia com o meu pai. Eu queria tentar andar de bicicleta. Meu pai começou a andar do meu lado esquerdo, onde meu campo visual é maior, e foi na frente.

Se eu focasse só na imagem dele, conseguia me equilibrar e andar em linha reta. Deu supercerto, foi ótimo.

Conheci dois curandeiros espirituais. Um era dos Estados Unidos e a consulta foi por Skype.

O outro era do interior de São Paulo. O primeiro disse que ia tentar me curar até o meio do mês, o que não aconteceu. Desistimos do segundo depois de gastar muito tempo e dinheiro com ele.

FEVEREIRO\_ Entrei na sala de aula e logo percebi que todos me tratavam de maneira diferente. Fiquei impressionada como tudo aconteceu tão rápido, quando eu ainda esperava que a minha vida voltasse ao normal. Fiquei muito sozinha, já não sabia mais o que falar e nem como falar com as pessoas da minha idade. Comecei a tomar risperidona, numa tentativa de controlar a ansiedade, pois o Daforin não estava fazendo efeito.

Me adaptei bem às aulas de humanas e artes. Com o fone num ouvido, eu escutava o que digitava no computador; com o outro ouvido prestava atenção na aula. Com ciências e matemática era mais complicado. A dinâmica é muito visual, o professor fala: "Junta isso daqui com aquilo dali e o resultado é o círculo azul", sem explicar o que é "isso" e "aquilo". Eu tinha que ficar repetindo que eles precisavam sempre me explicar e ler o que escreviam no quadro. Eles repetiam, mas, na atividade seguinte, já se esqueciam de fazer o mesmo.

Fui ficando muito cansada com tudo aquilo. Parei de prestar atenção; pedia depois o material para a mediadora da sala de aula e aprendia a matéria em casa com meu pai. Deixei de lembrar os professores que eles tinham que falar em voz alta o que estavam escrevendo no quadro, e a maioria não mudou seu modo de dar aula para me incluir.

Eu precisava que a escola me enviasse as fichas de conteúdo com antecedência para que fossem baixadas em casa, porém eu não conseguia acessar a internet nem a área de trabalho com o Dosvox. O arquivo tinha que ser em txt, que é o formato compatível com o programa, mas eles quase nunca usavam isso.

As provas de matemática eu fazia com a ajuda da mediadora. Íamos para uma sala diferente, e eu tinha direito a um pouco mais de tempo. Conseguia fazer mais contas de cabeça, mas precisava que ela organizasse e escrevesse algumas coisas para que eu não me perdesse. Eu gastava muito tempo com geometria porque, mesmo sabendo as fórmulas, as figuras mais complexas demoram para ser descritas, enquanto para os outros alunos bastava olhar a figura para que entendessem do que se tratava.

ABRIL\_ Viajamos para São Paulo, e retirei o glioma no dia 7. No dia 13, eu faria a sétima e última cirurgia, dessa vez para retirar o tal sistema de derivação. Joana, uma amiga de outra escola, e a mãe dela, que estavam na cidade, vieram passar o dia com a gente. Ligamos a tevê para assistir à votação do impeachment de Dilma Rousseff na Câmara. Percebi que eu não sabia escrever "impeachment" nem nenhuma palavra nova que tinha aprendido nos últimos sete meses, porque não as tinha visto. Não sabia como era a cara do Eduardo Cunha.

Fui com a Joana passear no corredor da UTI para tentarmos nos distrair. Todos os pacientes e enfermeiros estavam assistindo à mesma coisa. Eu conseguia entender o espaço porque cada quarto estava com a tevê ligada. Quando eu passava na frente da porta do quarto, vinha um som mais alto. Quando estava no caminho entre dois quartos, o som era abafado e vinha de mais de uma fonte. Pareciam listras. O som entrava para dentro da recepção e na sala dos enfermeiros. Eu estava acostumada com o hospital como sendo um lugar descolado do mundo, mas nesse dia não tinha como não saber o que estava acontecendo lá fora.

Tomei um medicamento chamado Diamox para reduzir a produção de líquido no meu cérebro. Nessa época, eu ficava com muito sono e dormia na sala de aula. Achava que estava vendo menos e que deveria estar fazendo mais exercícios de optometria para melhorar a visão. Acordava mais cedo e fazia apenas uma hora.

Tirei A em todas as matérias. Fiquei feliz porque foi bem mais difícil que antes, e algumas pessoas vinham me tratando como uma pessoa frágil, idiota e infantil. Gente que eu nem conhecia tentava me impedir de descer uma escada sozinha, segurava no meu braço ou na minha mochila, tentava me levar para outro caminho, falava comigo no diminutivo e de maneira paternalista. Eu estava cansada, respondia exatamente da maneira que eles queriam ouvir, porque assim me deixavam em paz. Às vezes eu ficava muito irritada, mas nada mudava.

Na escola, indicaram Maus como livro paradidático de história. É uma história em quadrinhos do Art Spiegelman, em que ele conta como seu pai, um judeu polonês, sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz. Ninguém tinha pensado que uma história em quadrinhos seria um problema para mim. Na verdade, eu já não conseguia mais ler livro nenhum. Sentia que tinha perdido a coisa que mais gostava de fazer.

Meus pais liam um pouco em voz alta para mim, e a mãe de uma amiga deles leu A Hora da Estrela, de Clarice Lispector. O Enrique Díaz, ator e diretor de teatro que é nosso amigo, gravou alguns contos do livro Morangos Mofados, do Caio Fernando Abreu, e me mandou por WhatsApp. Era demais, mas eu precisava achar um jeito de fazer isso sozinha. Fui atrás de audiolivros em português, mas não encontrei nenhum que quisesse ler, e as gravações disponíveis no YouTube, com sintetizador de voz, eram muito ruins. Ouvi um robô lendo A Metamorfose, do Kafka, e odiei. Compramos um scanner que transformava em áudio o livro físico, mas ele fazia uns erros e eu não podia ler fora de casa.

Parei de usar as redes sociais porque elas não eram acessíveis. Não sabia quais músicas e livros as pessoas da minha idade estavam gostando, nem o que estavam lendo. Também não perguntava muito porque não queria admitir que eu estava por fora. Tinha muita dificuldade em pedir ajuda. Meus pais me diziam que eu deveria saber me posicionar, dizer o que precisava, e assim transformaria minha desvantagem em uma vantagem. Me dei conta de que eu representava uma ameaça para o universo jovem e estável dos meus amigos, porque lembrava às pessoas da minha idade que o que tinha acontecido comigo poderia acontecer com qualquer um deles, e que coisas inesperadas e tristes fazem parte da vida.

Por outro lado, os amigos dos meus pais e grande parte dos adultos foram maravilhosos e se aproximaram de mim. Acho que talvez se identificassem comigo porque todo mundo alguma hora leva uma cacetada da vida. Tocaram música comigo, mandaram livros, playlists, discos, deram cursos e me mostraram caminhos para o futuro na hora em que mais precisei de amparo.

Aos poucos, voltei a conseguir tocar piano. Mas agora tinha que sentir os espaços entre as teclas pretas para acertar as posições. Tocar e ouvir música era o que eu mais fazia, porque era uma experiência completa.

A Escola Sá Pereira, onde eu estudava, vai apenas até o fundamental, mas tem um convênio com o Ceat [Centro Educacional Anísio Teixeira], porque a filosofia educacional é parecida. Se você passa no nono ano da Sá Pereira, sua vaga está teoricamente garantida no Ceat. Eles não me impediram de entrar no Ceat, mas barraram outra menina deficiente da minha sala. Comigo somente deixaram muito claro que não tinham nenhum interesse em me receber, não sabiam o que fazer e não tinham muita disposição para descobrir.

Foi horrível perceber que o anticapacitismo - a disposição de compreender e incluir a pessoa com deficiência - não é aplicado nem mesmo em espaços que têm discurso progressista. Acho inacreditável que a inclusão dependa da boa vontade das escolas, sendo que é lei, um direito garantido. É muito violento não poder ir aos lugares, não conseguir andar na rua, não fazer parte, não conseguir chegar às informações. Parece que querem te jogar para outro mundo, sem tempo e sem interação.

JULHO\_ Fui com meu pai para Boston, nos Estados Unidos. Queríamos saber se existia algum tratamento em desenvolvimento por lá que pudesse me ajudar. Passamos um dia, fui a uma consulta no Hospital Infantil de Boston e visitamos três museus. A médica disse que não conhecia os exercícios de optometria que eu estava fazendo, mas que deveria continuar, porque eu conseguia andar pelo hospital de uma maneira que parecia impossível com o resultado dos meus exames oftalmológicos. Ela me disse que eu estava "legalmente cega".

Eu gostava de ir a museus com meu pai porque ele descrevia tudo para mim, não só a imagem dos quadros, mas me explicava por que elas eram interessantes ou não. Como artista plástico, ele achava legal pensar em como traduzir uma obra visual para mim, dizia que isso o fazia também ver melhor as coisas. Fomos a um museu de arte contemporânea, depois ao Museu Isabella Stewart Gardner, que era uma casa estranhíssima com um Piero della Francesca e quatro Renoirs. Antes de voltarmos para o aeroporto, passamos no Museu de Belas Artes. Vimos juntos um trecho de The Clock, um filme do artista plástico Christian Marclay que dura 24 horas e mostra cenas de filmes com relógios, minuto a minuto.

Parei de tomar a risperidona no meio do mês. Diminuí também o Daforin, mas, mesmo assim, continuava tendo pensamentos ruins.

Fomos de férias para o interior de São Paulo com a minha madrinha. Um dia, fui dar uma volta com ela e a minha mãe. Precisava dar a mão para não tropeçar e bater nas coisas. Minha madrinha me disse que era importante, além dos exercícios que eu estava fazendo, aprender a usar a bengala e tudo mais que pudesse me ajudar. Eu era muito resistente à ideia da bengala, não queria que essa fosse a primeira coisa que vissem em mim. Também achava que, se eu começasse a me adaptar, iria parar de usar a visão, e o meu nervo óptico atrofiaria ainda mais. Aceitar a adaptação me parecia, naquela época, um caminho fácil para me admitir como uma pessoa cega. E eu não queria desistir de voltar a enxergar.

SETEMBRO\_ Eu disse para a coordenadora do meu colégio que preferia voltar para o hospital que passar mais um dia na escola. Fazia um ano desde aquele dia em que tropecei na mochila ao entrar na sala de aula. De lá para cá, já não entendia mais as relações entre as pessoas. Meus professores não estavam ali para me ensinar nada, meus amigos não eram mais meus amigos. No hospital eu entendia as regras: sobreviver, não pirar. Do lado de fora, sobreviver não é o suficiente. Quero ser feliz e ser tratada com respeito, o que não acontecia.

NOVEMBRO\_Na escola, teve um dia em que fui sentar com minhas amigas antigas e elas disseram que meu sapato estava sujo e com cheiro ruim. Fui para o banheiro limpar, perguntei para alguém que estava passando se ele estava limpo e a pessoa disse que sim. Voltei para a sala e, de novo, essas meninas disseram que meu sapato continuava sujo. Isso se repetiu algumas vezes ao longo do dia, toda vez que eu me aproximava delas. Não sabia em qual visão acreditar, não sabia em quem confiar.

A diretora considerou que eu estava sofrendo bullying. Tivemos uma reunião na sala de aula para falar sobre a minha adaptação naquele ano, e como eu estava me sentindo sozinha. Mas era o final do ano letivo e todos os alunos iriam mudar de escola.

DEZEMBRO\_ Fiz a prova para a Escola Eleva, que estava sendo inaugurada naquele ano. O diretor já tinha tido outro aluno cego e passou segurança para mim e minha família. O Maurílio, esse ex-aluno, me ensinou a usar o Jaws, que é um leitor de tela para computador. Não consegui me adaptar ao Dosvox. Pude então voltar a pesquisar em sites, a usar o e-mail, o Word, o Google Drive e os outros programas que conhecia antes.

A optometrista Kátia Amaral me acompanhou para fazermos o reconhecimento espacial da nova escola. Se alguém me explica como é o espaço e eu entendo as marcas visuais que enxergo, nunca mais esqueço como ele é.

Descobri que o leitor de tela do celular conseguia ler livros no aplicativo do Kindle. Baixei Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski, e voltei a ler sozinha. Adaptação é uma espécie de reconquista. Acho que esse foi um dos passos mais importantes para mim.

No dia 15, eu e minha mãe pegamos um avião no Rio para Goiânia, um ônibus em Goiânia para uma cidade pequena de Goiás, e outro ônibus para a Serra do Roncador. Foram mais de doze horas de viagem. Fiz uma cirurgia espiritual com uma guia gnóstica. Dormimos em uma caverna, e me disseram que lá dentro tinha pirâmides voadoras. Apostamos em tudo que pudesse milagrosamente trazer minha visão de volta. Eu não conseguia entender que não estava mais doente. Isso já não era mais sintoma - era uma condição.

Completei 15 anos no dia 22. Me lembro que estava muito quente, porque é o começo do verão, e tive 40ºC de febre ao longo do dia. Então eu não fiz uma comemoração grande. Até cheguei a pensar em uma festa, mas depois decidi que era melhor fazer algo mais tranquilo. Chamei algumas amigas para irem à minha casa, mas já não era um grupo homogêneo: eu não sabia se continuaria sendo amiga de algumas delas porque não tinham sido tão "ponta firme" comigo quando eu fiquei doente. E tinha outras amigas que estavam chegando, amizades antigas que ressurgiram e pessoas novas na minha vida.

2017

SETEMBRO\_Fui com minha família assistir à peça Grande Sertão: Veredas, dirigida por Bia Lessa. Falaram tantas vezes "demônio" e "diabo" que parei de me assustar com os seres vermelhos que via. Acho que por isso eles desapareceram. Minha visão melhorou um pouco e fiquei menos ansiosa por um tempo.

Mudei de novo de colégio. Dessa vez fui para a Escola Parque. Eu tinha que comprar comida na cantina, mas não sabia diferenciar as notas de dinheiro. A Nathalia me mostrou um aplicativo que lê o valor.

2018

ABRIL\_ Na prova de física, tirei nota 57 em 100. Procurei uma das coordenadoras e disse a ela que precisava de ajuda porque o material não estava vindo adaptado, que não conseguia prestar atenção na aula, e isso não era normal, e que sabia que eu podia me sair melhor no estudo. Ela riu e disse que estava tudo bem, que tinha gente que enxergava e tirava nota 20. Segundo ela, era normal dormir na aula de física. Falou ainda que era para eu ser mais Pollyanna. Não entendi a referência, então ela me explicou que era para eu aprender a ver as coisas pelo lado positivo e deu uma risada depois de dizer a palavra "ver".

Falei com a professora de física, que me explicou a matéria de novo e organizou comigo um jeito de estudar. Alguns professores eram bem atenciosos, outros nem tanto. Um deles, toda vez que ia me explicar o que tinha escrito no quadro, dizia que era "a hora da caridade".

MAIO\_ Pela primeira vez, fui sozinha a uma festa. Achava estranho que esses ambientes imitam a baixa visão, tudo mal iluminado e às vezes com umas luzes coloridas. Uma pessoa veio dançar comigo, e 1 milhão de manchas, imagens e palavras apareceram na minha frente. Desci as escadas, fechei a porta do prédio, fiquei trancada do lado de fora e percebi que não sabia como sair de lá. Queria sair correndo pela rua, não ter que falar para ninguém onde eu estava, não ouvir mais um sintetizador de voz ou leitor de tela. Não queria viver da maneira que achava errada.

JUNHO\_ Fui a uma reunião de um grupo de estudos marxistas com a minha amiga Joana, e na saída pedi um Uber. Tinha acabado de aprender a mexer no aplicativo e voltei a ter mais autonomia para circular pela cidade. Estávamos descendo a Estrada da Gávea quando três policiais pararam o carro. Um perguntou se "tinha alguma coisa ilegal dentro" e mandou a gente sair. Joana disse para ele que a blitz não estava sinalizada e ele respondeu: "É a PM que manda nisso daqui." Viu o carro, revistou a minha mochila e, como não achou nenhuma droga, disse para os outros olharem para o meu olho, que eu estava dopada e iam ter que me levar para a delegacia. Falei para ele que eu era cega. Ele ficou meio confuso, e eu também. Eu nunca tinha dito isso antes. Fomos liberadas.

JULHO\_ Viajei para São Francisco, na Califórnia. Me lembro que lá ventava muito e as calçadas eram incríveis, lisas, sem buracos e bem sinalizadas. Fui para fazer parte de um experimento da Universidade Stanford. Os doutores Andrew D. Huberman e Jeffrey Goldberg estão desenvolvendo um tratamento não intrusivo, com óculos de realidade virtual, que estimula as células ganglionares e o nervo óptico com padrões luminosos. Existem estudos para a regeneração do nervo óptico com células-tronco, e eu posso me beneficiar disso no futuro.

De volta ao Rio, fiz um curso de orientação e mobilidade com um professor vidente, que é como os cegos chamam uma pessoa que enxerga. Ele me ensinou como eu deveria bater a bengala no chão, na frente do pé esquerdo quando pisasse com o direito e vice-versa. Qual movimento deveria fazer para subir na calçada e não trombar em nada. Qual para descer e não cair em um bueiro. As calçadas do Rio são muito ruins e feitas pelos proprietários das casas. Por isso não têm um padrão, cada dono faz o que quer. Também não existe uma distância regular entre os postes, os hidrantes e a rua. Os semáforos não têm nenhuma indicação sonora de quando está verde ou vermelho. Piso tátil, aquele relevo de listras e bolinhas que tem no metrô, é uma raridade.

É curioso como antes eu tinha a impressão de que todos os meus sentidos se juntavam na visão. Depois de ficar cega, durante um tempo parecia que os sentidos corriam em vias separadas, e eu ficava perdida no meio. Demorei para formar uma memória não visual dos lugares que eu visitava. Hoje, consigo perceber que no Rio as lâmpadas das ruas são quentes e amarelas. Já em São Paulo, em volta das lâmpadas, é sempre azul escuro. Ao lado da casa onde fico em São Paulo, tem um homem que sempre toca sanfona. Só quando eu volto para o Rio é que consigo perceber como o cheiro de São Paulo é forte, acho que deve ser por causa da poluição de lá. Sempre que entro num hospital, eu me lembro do cheiro de laranja do óleo que usavam para tirar os eletrodos depois do exame de ressonância magnética. Quando desço as ladeiras da minha rua no Rio, sinto vertigem e escuto ao fundo o som dos amoladores de faca e um funk tocando ao longe.

Isabel Diegues, amiga dos meus pais, me chamou para ir à editora dela, a Cobogó, fazer a avaliação de um audiolivro e dar um parecer sobre originais que ela tinha recebido. Fiquei muito feliz. Na saída, disse para ela que tinha aprendido a andar de bengala e não precisava de companhia para chegar ao térreo. Um homem entrou comigo no elevador. Quando saí do prédio, percebi que não conseguiria atravessar a Rua Jardim Botânico sozinha. Abri minha bengala nova fazendo bastante barulho, e o homem me perguntou se eu precisava de ajuda. Agradeci e disse que sim: só para atravessar.

Depois de atravessar, eu fui para um lado e ele para o outro. Bati em uma motocicleta estacionada na calçada, e um segurança de uma loja me perguntou se eu precisava de ajuda. Agradeci e disse que sim: só até a esquina. Na esquina, uma senhora me perguntou se eu precisava de ajuda, e eu disse que sim: só até a igreja. E assim foi, até que eu chegasse à minha rua e ficasse sozinha.

Cheguei em casa animada porque ia fazer um trabalho, a avaliação de um audiolivro e de originais da editora, minha vida era independente da escola e havia gente que apostava em mim. Também estava contente porque tinha feito uma coisa que beirava o errado: eu nunca andava sozinha, sem ter alguém conhecido ao meu lado.

Um dia, saí de casa para comprar alguma coisa na farmácia e no caminho apareceu um homem, no meio do nada. Era um segurança da rua que veio falar comigo: "Oi, me passaram um rádio dizendo que tinha uma menina cega descendo a rua." Achei muito esquisito que alguém precisasse alertar que uma "menina cega" estava andando na rua. Ele falou: "Eu vim aqui pra te ajudar." Eu agradeci, mas disse que não precisava de ajuda, estava tudo certo, eu conhecia o caminho. Mas ele insistiu: "Vou te acompanhar, eu tô indo pro mesmo lugar." E ele foi comigo até a farmácia. Fiquei muito irritada, porque parece que as pessoas acham que a percepção delas é mais verdadeira do que a minha, que eu vou errar e elas precisam tomar conta de mim. Acham também que eu não posso recusar ajuda.

Estou aprendendo a tocar violão. Peguei um violão que tinha lá em casa, primeiro sozinha, e depois meu pai começou a ler as cifras para mim na internet e me explicar as posições. Aprendi várias músicas assim, e depois passei a fazer aulas com o violonista Cézar Mendes. Foi incrível.

2019

JUNHO\_ Fiz a primeira fase do vestibular da Uerj [Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Cheguei antes da hora marcada e conheci a ledora. Ela sentou ao meu lado e me disse que estava muito deprimida e chorava todos os dias. Começou a ler as questões da prova de inglês e, por causa da pronúncia dela, não entendi nada. Na prova de exatas, ela leu o sinal + como "cruz", o ² (quadrado) como "dois em cima", o módulo como "barra vertical". Perguntei se poderia falar o nome dos sinais, e ela disse que não podia me influenciar. Pedi que armasse uma conta, mas ela não sabia o básico para acompanhar alguém no vestibular. Seria impossível terminar a prova a tempo. No final, tirei A, porque fui bem em humanas e nas interdisciplinares, mas chutei quase todas as questões de exatas.

Fui com meus pais reclamar da ledora para os administradores da prova. Soubemos que a moça era ledora havia vinte anos. Dezenove outros deficientes visuais já tinham feito a prova daquele jeito impossível. Pelo menos ela não era gaga como o ledor que acompanhou uma amiga minha na prova. Desisti de fazer a segunda fase na Uerj.

AGOSTO\_ Na sala de aula, minha amiga Clarissa me perguntou se eu já tinha assistido ao filme Era uma Vez em Hollywood, do Tarantino. Disse que não, porque quase nenhum filme tinha audiodescrição. Ela pesquisou na hora e me disse que oito cinemas no Rio disponibilizavam essa ferramenta. Fomos a um cinema em Botafogo, e depois voltamos várias vezes com outras duas amigas.

Audiodescrição é a única maneira pela qual posso assistir a um filme de forma independente, mas fico incomodada porque a descrição nunca é tão neutra quanto deveria. A visão da pessoa que descreve transparece um pouco. Na maioria das descrições, por exemplo, as únicas pessoas cuja raça é explicada são as negras. É comum usarem sinônimos ou eufemismos para dizer que alguém é gordo. Como eu não posso ler as legendas, só consigo assistir a filmes falados em português, inglês ou espanhol.

As plataformas de streaming não disponibilizam audiodescrição para todos os filmes. A Netflix só coloca em suas produções originais. Na Amazon Prime, nunca está disponível nos filmes que eu quero ver. A HBO tem poucos títulos acessíveis e seu sistema é muito ruim. No caso da HBO, para conseguir assistir a um filme com audiodescrição, eu tenho que usar dois aparelhos diferentes ao mesmo tempo: na HBO Go eles passam o filme, e na HBO In ("In", de inclusive) só tem a audiodescrição, sem o filme. Então eu tenho que ligar dois aparelhos ao mesmo tempo e emparelhar, sincronizando a audiodescrição com o andamento do filme.

Prefiro ouvir podcasts de ficção porque eles já são produzidos para o meio sonoro.

SETEMBRO\_ Voltei a me assustar com as imagens mentais. Dessa vez foram soldados fascistas. Mas, como já tinha acontecido antes, depois de um tempo felizmente eles sumiram. Minha relação com essas imagens está mais tranquila agora, e parei de tomar o Daforin.

Fiz os vestibulares da PUC-Rio, da Fuvest e o Enem. Nessas provas, fiquei em uma sala sozinha com dois ledores e um fiscal. A PUC e a Fuvest não têm descrição de imagem. É preciso gastar um tempo injusto com questões que têm gráficos e figuras geométricas. O pior são as descrições das cadeias carbônicas, feitas mais ou menos assim: "Letra C, dois traços à direita, letra O, um traço à esquerda, letra H..." Tive direito a uma hora a mais de prova, o que no Enem dá trinta segundos a mais por questão. Não é o suficiente, e a competição é muito desigual.

Expliquei para os ledores, antes da prova, qual era a ordem de leitura que eu queria. Primeiro o enunciado da questão, depois o texto e por último as opções de múltipla escolha. Assim, eu não gastaria tanto tempo para achar uma informação de que precisasse. Nos três exames, ditei a redação, já que não pude levar o computador. Numa delas, a ledora me disse que o espaço tinha acabado e que eu não ia conseguir fazer a conclusão, o que retiraria duzentos pontos da minha nota. Cortei muitas palavras do texto e fiz uma conclusão de duas linhas. No fim, a ledora passou a redação para a folha da prova e me disse que estava sobrando espaço.

Quando cheguei para a prova da PUC, me perguntaram por que eu não tinha trazido o computador. Eu disse que tinha ligado para a faculdade duas vezes antes para perguntar se isso era possível e me falaram que não. Então me disseram que, no ano anterior, uma menina cega tinha levado o computador e pôde fazer a prova recorrendo a ele. Eu conheci essa menina, ela se chama Júlia e cursa direito. Ela me contou que conseguiu levar o computador também para a prova do Enem, mas que teve que entrar com um processo judicial para isso.

DEZEMBRO\_ Fiz uma viagem à Argentina com umas amigas, foi superlegal, e voltei ao Brasil na véspera do meu aniversário. Eu vinha evitando pensar que eu estava completando 18 anos, mas quando cheguei em casa, comecei a pensar que agora nada mais iria mudar: que eu tinha vivido a minha adolescência toda cega e ia começar a minha vida adulta cega, sem saber lidar muito bem com isso, sem estar completamente adaptada e ainda com todas as outras dúvidas que uma pessoa de 18 anos tem, e que nada disso iria se resolver. Decidi não fazer uma grande comemoração. Saí com uns amigos para beber, e só.

2020

MARÇO\_ Entrei para a Faculdade de Letras da PUC. Para mim, está sendo mais fácil estudar de modo online. Os professores têm que mandar os textos em arquivo digital para todos os alunos. Se estão em Word, PDF texto ou num site, leio sem problemas. Se o texto vem em PDF imagem ou é a reprodução fotográfica de um livro, peço para adaptarem. Com o leitor de tela, eu consigo saber quem está na sala online por causa dos nomes no Zoom, a ferramenta de videoconferência. Já estou acostumada a depender da tecnologia e do computador para receber a mesma informação que os outros alunos. Ouço os professores reclamando que é difícil se relacionar com vozes, porque os alunos desligam a câmera. Falei para uma professora que para mim é assim sempre, e que era de fato difícil. Ela disse que pensava em mim quando via um monte de avatares e não sabia a reação dos alunos.

2021

JANEIRO\_ Percebi que, ao longo desses anos, fiquei amiga de pessoas que também não podiam me ver, porque em geral conversamos por áudio ou texto, sem imagem. Eles não são cegos, mas estudam em outras escolas ou moram em outras cidades. Falo com eles por WhatsApp e telefone e, mesmo antes da pandemia, os encontrava muito pouco. Durante a quarentena, falei com muito mais gente do que quando podia sair de casa. E assim consigo entender mais por que toda comunicação é sonora ou textual.

MAIO\_ Mostrei a primeira versão deste diário para a minha madrinha. Eu nunca tinha falado direito sobre as imagens e palavras mentais. Ela pesquisou e encontrou a síndrome de Charles Bonnet, conversamos com um neurologista, e ele confirmou que eu tenho isso. Essa síndrome é associada à perda de visão e tem caráter neurofisiológico. Quem tem sabe que essas imagens são irreais e não comprometem o entendimento objetivo das coisas. Antes eu não explicava direito o que ocorria, para não acharem que sou doida. Muitas pessoas com a síndrome fazem o mesmo, por isso ela é bastante subnotificada, e muitos profissionais de saúde não sabem bem o que é.

Tenho alucinações visuais simples e complexas. A maioria é estática e colorida. Geralmente, não têm nenhuma relação com o que eu estou pensando, são involuntárias. Vejo muitos olhos e animais. À noite surgem coisas sobre as quais ouvi falar durante o dia. Eu consigo induzir as palavras, podendo escolher com quais cores as coisas aparecem. Fico aliviada de saber que é uma condição benigna.

SETEMBRO\_ No mês passado, o ministro da Educação, pastor Milton Ribeiro, disse em entrevista à TV Brasil (e depois numa coletiva de imprensa) que os alunos com deficiência atrapalham o aprendizado dos outros na sala de aula, que existem alguns graus de deficiência que impossibilitam a convivência, e se declarou contra o inclusivismo. Isso tudo é muito violento e grave, mas o pior é saber que ele não é o único que pensa assim. Em todas as escolas que passei, percebi que eu era sempre uma perturbação.

Eu sou cega, mas minha visão muda o tempo inteiro. Nesse processo descobri que ver não é só enxergar com nitidez. Ver é a capacidade de compreender os fenômenos, e vai além da parte visual da realidade. Por meio da visão que ainda tenho, das imagens que já vi, dos meus outros sentidos, da tecnologia e das conversas com outras pessoas, pude desenvolver uma forma de ver mais livre e abrangente que antes.

//fonte: Maria Stockler Carvalhosa

“diário – Sobreviver não é o suficiente”

piauí – edição 181 – outubro 2021

# 14. IMAGEM PESSOAL

Colunista: Carlos Alberto Ferreira (carlosferreira2255@gmail.com)

\* Tentando pensar no depois…

Há algumas colunas atrás escrevi sobre qual seria, na minha opinião, o perfil de uma candidatura saída do nosso segmento. Naquele momento vivíamos o período que antecedia o começo efetivo da corrida ao voto. Agora, de fato, estamos nela: a nossa reflexão já deve ser outra. Os candidatos a todos os cargos já estão aí, infelizmente, pelo visto, poucos a partir do nosso segmento, sem que saibamos ao certo se essas e possíveis outras candidaturas com chances reais de obter o cargo pleiteado.

Sinceramente, não vejo muitas intervenções dos candidatos, sobretudo daqueles que concorrem a cargos majoritários, sobre ações políticas voltadas para pessoas com deficiências: quando muito, a generalidade de sempre, do tipo, políticas de inclusão, entretanto sem adiantar muito o que vai ser realmente feito. Do governo que aí está, agora buscando reeleição, aquele princípio de que, de onde menos se espera, aí que não vem nada mesmo… pois que, estão aí desde 2019 e muito pouco foi feito, para não dizer que nada foi realizado. Nesse caso, se não fizeram até aqui, por que só farão num outro mandato de quatro anos?

Das demais candidaturas, é que ouço essas promessas genéricas, porém, sem nenhuma posição efetiva de ações a serem praticadas. Creio que alguma esperança pode haver caso a candidatura do partido dos trabalhadores seja exitosa nas urnas. Entretanto, vejo para o Brasil um futuro meio tenebroso, se ele é assim para o país como um todo, mais ainda será para aqueles segmentos da sociedade com mais vulnerabilidade.

Ganhando o governo que aí está, certamente será mais do mesmo, no caso, ungido, pela votação popular. Creio que nesse cenário a tendência é de que tenhamos mais dificuldades do que as de hoje. Ganhando a candidatura do partido dos trabalhadores: ela vai assumir num cenário de terra arrasada, e o pior, com o pessoal que tiver saindo do governo anterior, com toda a vontade de sabotar qualquer tentativa de reconstruir e depois, colocar as coisas nos eixos.

Portanto, se haverá tanta coisa a recompor, no plano mais geral, que espaço haverá para governar para as especificidades? Caso por exemplo das pessoas com deficiência.

Peço desculpas a algum leitor ou leitora, que pretenda votar em outro candidato ou candidata; é que a legislação eleitoral brasileira está permitindo um caso bem interessante: temos um governo eleito, no exercício do poder, buscando a reeleição; por outro lado, temos outra candidatura que busca o retorno ao poder. Após anos fora dele. E por sinal, foram governos com sucesso, considerado o conjunto da obra. De modo que a polarização é forçosa e o espaço para outras candidaturas, legitimamente colocadas, diga-se a bem da verdade, fica muito restrito em relação a algum sucesso eleitoral. É claro, que essa minha análise pode estar equivocada: entretanto, pelo que venho acompanhando, as coisas acontecem desse jeito.

É justamente agora que não só as pessoas do nosso segmento e as entidades que dizem representá-lo precisam participar muito: buscando candidaturas em todos os níveis, que se comprometam com as nossas demandas políticas e sociais, já que a inação desse governo que aí está, deixou muitas questões e problemas sem solução ou pelo menos encaminhamentos. Se ficarmos parados esperando, vamos curtir uma eterna espera, sem que nada de fato caminhe. Naturalmente, não entro aqui agora em citar uma lista de coisas que precisamos ter resolvidas, seja na política federal, seja na ação legislativa nos diversos estados da federação. Logo, votar bem é a prioridade número um. Talvez você me pergunte, afinal de contas, o que é votar bem? Eu lhe respondo: votar bem significa sufragar aqueles candidatos que hoje, na campanha eleitoral se comprometam com as nossas causas; depois se eleitos, mantenham os compromissos, aceitando de boa, a cobrança dos eleitores e entidades, para que as ações políticas, sejam realmente, postas em prática, gerando, com efeito, em relação a soluções, o encaminhamento das nossas demandas, as quais todos sabemos quais são e os políticos, de todas as esferas de atuação, precisam ser lembrados e cobrados a respeito delas.

# 15. CONEXÃO ESPIRITUALIDADE

COLUNA LIVRE

(contraponto.exaluibc@gmail.com)

\* Pais brilhantes

É comum as pessoas justificarem os seus erros, invocando suas precárias condições de vida.

Dizem que foi o desespero que as levou a tomar atitudes equivocadas ou que circunstâncias negativas as fizeram agredir o seu semelhante ou suas propriedades.

Viktor Frankl, um judeu vienense, prisioneiro dos alemães, durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu:

Nós que vivemos em campos de concentração podemos lembrar dos homens que andavam pelos alojamentos confortando os outros, distribuindo seus últimos pedaços de pão.

Talvez eles tenham sido poucos. Mas são prova suficiente de que tudo pode ser retirado de um homem. Menos uma coisa, a última das liberdades humanas – escolher que atitude tomar em quaisquer circunstâncias, escolher o seu próprio caminho.

Portanto, escolher o bem ou o mal compete a cada um. O que nos falta é uma melhor educação. Aquela que tem a ver com a formação do caráter da criatura.

Para isso precisamos de pais conscientes, que ensinem verdadeiros valores a seus filhos. Que lhes digam que é nobre dizer a verdade, mesmo que isso não os credencie a receber algum prêmio ou compensação.

Pais que tenham coragem de falar aos seus filhos sobre os dias mais tristes das suas vidas. Que tenham a ousadia de contar sobre as suas dificuldades e como as conseguiram vencer.

Pais que não desejem dar o mundo aos seus filhos, mas que queiram lhes abrir o livro da vida.

Pais presentes que desenvolvam em seus filhos: autoestima, capacidade de trabalhar perdas e frustrações, filtrar estímulos estressantes, dialogar e ouvir.

Pais que tenham tempo, mesmo que seja muito curto.

Pais que joguem menos golfe, futebol e se sentem para conversar com os filhos,

descobrindo -lhes o mundo íntimo.

Pais que não se preocupem somente com festas de aniversário, tênis, roupas, produtos eletrônicos. Também em dialogar.

Pais que sabem que não devem atender todos os desejos dos seus filhos, porque isso os tornará fracos, dependentes.

Pais que deem o que todo o dinheiro do mundo não pode comprar: o seu amor, as suas experiências, as suas lágrimas e o seu tempo.

Em síntese: um autêntico processo de educação, no qual o filho aprende que amar é o maior dos tesouros.

E não se tornará infeliz porque não tem a roupa de grife, ou não conseguiu viajar ao Exterior, nas férias.

Será alguém que se preocupa com o seu semelhante.

Alguém que reconhece a grande diferença entre ter coisas e ser uma pessoa útil à comunidade, um cidadão honrado, um homem de bem.

É possível que digamos que trabalhamos muito e não temos tempo.

Contudo, façamos, do pouco tempo disponível, grandes momentos de convívio

com nossos filhos.

Rolemos no tapete, façamos poesias. Brinquemos. Conheçamo-los e permitamos que eles nos conheçam.

Lembremos: nossos filhos não precisam de um super-homem, de um executivo bem sucedido, de um empresário muito rico.

Para eles não importa se somos médico, professor, administrador de empresa, copeiro, enfermeiro.

Importa, sim, o ser humano que somos e que os ensinará a ser.

// fonte: capítulo 1 do livro

 “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes”, de Augusto Cury e

 no cap. Obstáculos, do livro Histórias para Aquecer o Coração

 – edição de Ouro, de Jack Canfield e Mark Victor Hansen,

Ambos da editora Sextante.

\* Atenção:

Este espaço tem um viés ecumênico (respeitamos todas as religiões/crenças),

caso queira participar, nos envie seu texto para o e-mail acima citado, que será publicado.

# 16. CONTRAPONTO EXPRESS

Colunista: LÚCIA MARA FORMIGHIERI (lucia.formighieri@gmail.com)

\* O homem que modernizou a imprensa brasileira

Caros/caras leitores/leitoras do jornal Contraponto.

A coluna #Contraponto Express trará a vocês, neste mês, a brilhante obra da jornalista e pesquisadora Karla Monteiro: “Samuel Wainer: o homem que estava lá”, para a nossa reflexão: seria o jornalista Wainer um oportunista, ou um brilhante reformador da imprensa brasileira?

De origem russo-judaica, (embora ele negaria durante toda a vida), este menino começou ajudando os irmãos, na venda de mercadorias pelo bairro do Bom Retiro. Logo descobriria uma intensa paixão: o jornalismo, entretanto, Samuel Wainer não amava apenas o jornalismo, mas principalmente, o poder.

Partindo-se dessa premissa, a jornalista Karla Monteiro discorre sobre não apenas a biografia de um brilhante ser humano, mas pela história do Brasil em si, revelando-nos, mais de quatro décadas de Presidencialismo: Getúlio Vargas, João Goulart, Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek, ao rememorar os bastidores dos maiores acontecimentos jornalísticos do país no século XX.

Publicado no ano passado pela editora Companhia das Letras, o livro nos faz refletir: até que ponto um homem deve ir por ambição? Wainer foi longe, tão longe que fez inimigos, como Carlos Lacerda, tão longe que teve a redação do jornal invadida ao mesmo tempo, foi um repórter exemplar, o homem que traria, definitivamente, a reportagem como a alma do jornalismo brasileiro. Sem a menor dúvida, um homem de paradoxos: um chefe duro mas um pai ausente, um péssimo marido, mas um repórter incansável.

E, se você, caro/cara leitor/leitora está pensando que Samuel Wainer preferia a carreira à família, acertou, em um dado momento da obra, quando questionada sobre que presente daria ao marido, Danuza Leão não hesitara: “Uma rotativa nova”.

A aproximação com políticos e grandes banqueiros render-lhe-iam o apelido, aliás, dado pelo amigo Getúlio Vargas, de “profeta”, pois em todas as ocasiões em que Samuel previa um fato, este ocorria.

Ao longo da história de Wainer, ficamos conhecendo o jornal “A última hora”, a revista “Diretrizes”, o jornal “Agora” e principalmente, o legado de um homem que soube ler a história que se desenrolava diante dos olhos.

Onde encontrar

A obra da autora Karla Monteiro pode ser encontrada em e-book, e/ou em formato impresso, para posterior digitalização e/ou gravação, no site da plataforma on line: www.amazon.com.br, caso você prefira um formato especial, entre no site da editora e solicite-o no link:

fale conosco, [www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br).

Curtiram?

Então, não deixem de apreciar esta grande obra histórico-biográfica brasileira: “Samuel Wainer, o homem que estava lá”, da jornalista Karla Monteiro.

Um forte abraço e até a próxima edição do jornal Contraponto.

# 17. PANORAMA PARAOLÍMPICO

Colunista: ROBERTO PAIXÃO (rnpaixao@gmail.com)

\* Garotada do Brasil vai à França disputar torneio de futebol de cegos

Seleção terá grupo com média de idade de 19 anos para encarar atuais

campeões europeus no país dos próximos Jogos Paralímpicos

A Seleção Brasileira de futebol de cegos viaja nesta semana para a

cidade de Schiltigheim, na França, onde disputará o Grand Prix Mundial

2022 a partir do próximo domingo (28). O torneio reunirá cinco países -

Alemanha, Brasil, França, Japão e Romênia - que se enfrentarão em turno

único. Os dois melhores jogam a final no dia 3 de setembro .

A equipe brasileira será composta por um jovem grupo de dez atletas

com média de 19 anos de idade treinados por Josinaldo Sousa , o Bamba,

auxiliar técnico da Seleção adulta.

Neste ano, ele já teve a experiência de dirigir o Brasil B, vice-campeão do

Desafio das Américas, torneio realizado em São Paulo que teve o time principal

do país anfitrião no lugar mais alto do pódio.

2 . Confira os convocados do Brasil:

Goleiros

GEAN PATRICK - Apadevi/PB

PAULO RYAN - ADESUL/CE

Atletas de linha

ALEFE - Apadv/SP

ANAEL - Apadv/SP

CARLINHOS - Apace/PB

MAICON JÚNIOR - Apace/PB

MARCO ANTÔNIO - Apadv/SP

PAULO VITOR - Escema/MA

RAYNÃ - Acelgo/GO

SAMIR - Apadv/SP

"É uma oportunidade para essa molecada, um momento único para eles.

E o Fábio (Vasconcelos, treinador da Seleção Brasileira adulta) já vem

fazendo esse trabalho de formação há um bom tempo.

Esperamos fazer umaboa competição para que eles tenham chances

futuramente no timeprincipal do Brasil", explica Bamba.

"E há outras coisas importantes a serem observadas.

Uma das equipes que ainda não vi jogar, pelo menos desde que estou

na Seleção, é esta da Romênia. Então será uma novidade para nós

e poderemos acompanhar a evolução deste país", completa o

profissional, que está desde 2013 na Seleção Brasileira.

Além da chance de disputar um torneio internacional no país-sede dos

Jogos Paralímpicos de 2024 , a garotada do Brasil poderá enfrentar os

donos da casa, que foram campeões europeus em junho após baterem a

Turquia na final.

3. Confira a tabela da competição (horários de Brasília), que terá transmissão ao vivo

em link ainda a ser divulgado pela organização do evento.

TABELA DE JOGOS

  Horário       Chave

Domingo, 28 de agosto

11:30 Romênia   X   França Única

14:30 Brasil   X   Alemanha Única

Segunda-feira, 29 de agosto

11:30 Romênia   X   Brasil Única

14:30 Alemanha   X   Japão Única

Terça-feira, 30 de agosto

11:30 Japão   X   Romênia Única

14:30 França   X   Brasil Única

Quinta-feira, 1 de setembro

11:30 Brasil   X   Japão Única

14:30 França   X   Alemanha Única

Sexta-feira, 2 de setembro

09:30 Alemanha   X   Romênia Única

15:00 França   X   Japão Única

Sábado, 3 de setembro

09:30 3º   X   4º Bronze

15:00 1°   X   2° Final

# 18. TIRANDO DE LETRA

COLUNISTA: JOICE GUERRA (maildajobis@gmail.com)

 1. Justamente

"Hay dias que no sé lo que me passa" que a saudade que chega, sabe-se lá por que vias, resolve tentar se me escapar pelos dedos e aí, haja dedos!

Como também, quando era o caso de nos encontrarmos, eu e a vítima do texto, não havia nem tempo nem copo que chegasse quando era o caso deste encontro se dar de um dos lados de um balcão, naturalmente o de fora, o que não o impedia de vender suas ideias nem de pagar nossas cervejas, umas tão saborosas e embriagadoras quanto as outras.

   Ele foi um dos mestres do Benjamin Constant, (se bem que suas aulas, pelo menos as que costumava assistir e que, mesmo sem ter assistido as que ele dava profissionalmente, afirmo que eram as melhores e, em geral, ministradas em outro estabelecimento conforme o exposto acima) e, segundo reza a lenda, seu ingresso no quadro de professores teria se dado por meios, digamos, pouco ortodoxos mas que, à época, eram bem mais comuns do que hoje em dia ,o que o fez se tornar um tanto distante do restante do quadro. Diz-se que ele, mesmo antes de ter terminado o curso ginasial, teria, através de um pistolão, garantido sua contratação e o que há de verdade nisto não importa. Fato é que ele se tornou completamente diferente de todo e qualquer outro professor do instituto. Me recordo de dias em que estive com ele passeando pelo pátio como faria com qualquer dos alunos meus contemporâneos, o que era impensável em se tratando de um professor, exceto ele. Com suas teorias e suas tiradas, ele tinha solução para todos os nossos problemas de adolescentes que, então, nos pareciam insolúveis. Contávamos a ele nossas histórias de amores não correspondidos, de nossas incompreensões quanto a esta ou aquela atitude feminina, para o que ele sempre tinha uma solução a vista, ainda que fosse daquelas que

só se resolvem a prazo.

Lembro tiradas maravilhosas dele como, por exemplo, a de estar alguém a contar um caso onde apresentava duas meninas como amigas e lá vinha ele com sua máxima:

- Não, não é bem assim, entre mulheres não há amizade, há apenas maior ou menor competição!

É claro que contestávamos, citávamos exemplos de Fulana e de Sicrana que nos pareciam amigas inseparáveis e ele logo dizia:

- Então esperem um pouco até que um de vocês desperte o interesse de alguma delas!

Outra de suas tiradas era a que dizia:

- Eu, quando vou contar algo a meu respeito, que sei que é difícil de acreditar, digo que li numa revista, ela vai ter sempre muito mais credibilidade do que eu!

Para nós, ele parecia um bruxo, sabia das coisas. Era daquele tipo de pessoa que tinha o dom de estar sempre cercado, naquela época, dos alunos apenas, mas recordo que, mais tarde, com sua simpatia, conseguiu quebrar aquela espécie de boicote dos outros mestres para com ele.

As histórias que nos contava eram muitas e todas com sua arte de bom contador e, não duvido de que algumas fossem obra de sua imaginação, mas, o que importa?

Fato é que a nós sempre passava a imagem de “bon vivant”, de catedrático na arte que, já então, nos interessava a todos que é a do amor, ainda que não necessariamente atrelado à nobreza como a palavra sugere.

Uma outra de suas máximas era a de que, dizia ele: "eu nasci pra beber e falar!" e nós, seus ouvintes, tínhamos a impressão de que nascêramos para ouvi-lo.

Muitas das suas histórias me escaparam da memória dado que, como dizia ele "o tempo é cruel", porém, dentre as que me ficaram, está a que, dizia ele, certa vez, atravessando a baía de Guanabara pelo único modo que havia antigamente, qual seja numa barca, foi contemplado com um encontro que terminaria numa picante história de amor.

Seu início teria sido um tanto hilário, pois a mulher que teria encetado com ele um diálogo que parecia comum, resolveu a meio do assunto narrar-lhe a paisagem que avistava, com certeza, então, muito mais bela do que a de hoje, que ela, com as tintas da emoção, ainda fazia mais bonita . Estava ele em plena viagem, em todos os sentidos quando, de repente, observou que a emoção da narradora foi num crescendo tal que sua voz começara a adquirir uma música que indicava que aquilo terminaria em choro e, antes que a coisa e consumasse teria ele indagado:

- Mas, a senhora está querendo chorar?

Ao que ela respondeu:

- É, não me conformo, como pode haver alguém que não tenha o direito de desfrutar dessa maravilha! não, eu não posso ver alguém assim!

Ao que ele, bem humorado disse:

- Pera aí, quem não pode ver alguém assim aqui sou eu! e foi se mostrando tão carinhoso quanto lhe foi possível e, bem, deu no que deu.

E, ainda acerca do personagem, dizia ele que o forte dela era o choro, da música ao ato propriamente dito.

Outra de suas maravilhosas histórias que ora me ocorre é a de que, quando coordenador

dos bolsistas, (para os que eventualmente não saibam, este nome designava os alunos que continuavam a residir no Benjamin Constant após a conclusão do então curso Ginasial e que estudavam em outros colégios) foi alertado pelos mesmos de que havia um armário

que fora abandonado por um bolsista que se desligara já há tempos e não viera buscar suas coisas e o dito armário estava fazendo falta.

O dormitório ficava no terceiro andar, mesmo pavimento onde se encontrava a sala

então designada para o coordenador. Para ir ao dormitório, local onde se encontrava o tal armário, o coordenador teria de descer dois lances de escadas, para que no segundo andar, fizesse uma caminhada que o levaria a galgar outros dois lances para ingressar no dormitório porque a porta de ligação que permitiria que ele fosse de sua sala ao dormitório sem que tivesse que fazer este percurso encontrava-se constantemente fechada.

Ante a insistência dos que precisavam do armário, ele disse que iria lá sim fazer a tal vistoria, mas que eles dessem um jeito de conseguir a chave da dita porta que ninguém jamais vira abrir-se.

E bem que se tentou, mas não havia quem desse conta do paradeiro da chave.

Os interessados lhe disseram que não havia outro jeito, ele teria mesmo que fazer o que para ele era impensável posto que, como já se vê, ele não era chegado a atividades físicas, pelo menos não a qualquer uma e, diante da perspectiva de ter de sair de sua sala e fazer o percurso descrito acima, ele teve a seguinte ideia que mesmo agora me faz rir:

- Venham cá, fulano e Sicrano, vocês dois são bem fortes não é mesmo?

Então pronto, problema resolvido: vocês vão lá e trazem o armário até aqui, eu faço a inspeção e é até melhor pois o que tiver de ser guardado já fica por aqui mesmo.

A turma então caiu na gargalhada e alguém foi lá na cantina, como sempre um deles fazia, buscar-lhe mais um café e comprar-lhe mais um maço de cigarros.

Decerto o que se segue é muito menos do que ele merece ou mesmo do que gostaria de

a ele oferecer, mas foi o jeito que encontrei de abraçá-lo:

\*\*\*

Você que punha o coração na mesa

quando contava a nós suas histórias

e que nos deu apenas a despesa

do coração guardar suas memórias;

você em cujo ombro mais que amigo

choramos todos nossas desventuras

adolescentes, um tão raro abrigo

pra estes perdidos de almas mais que puras;

você que tinha o dom da simpatia,

que conquistou em nós toda poesia

do amor do aluno pelo professor,

onde estiver, aceite a reverência

de quem bebeu, na flor da existência,

do mel das aulas de um mestre de amor.

\*\*\*

E, que me perdoe quem entender o que se segue como deselegância, mas, ao imaginar seu comentário acerca do escrito acima, não ouço outro que não:

"Coisa de veado mas, tá bom, tá bom!"

Leniro Alves(RJ,  maio de 2010

2. Anjos sem asas

Prezados; prezadas leitores; leitoras do jornal Contraponto, tudo bem com vocês ?

A coluna Tirando de Letra refletirá hoje, sobre uma data praticamente pouco divulgada neste querido mês de agosto: o dia do\da voluntário\da voluntária.

Comemora-se no dia vinte e oito, o dia em que doamos nosso tempo, mas, principalmente nosso amor, às causas em que acreditamos.

Sempre fiz trabalhos voluntários, entretanto é aqui neste brilhante jornal, onde sinto que nosso trabalho voluntário dá frutos.

Levar informações ao público com deficiência visual requer não somente conhecimentos técnicos, mas um amor imenso. Aproveito para lembrar-vos de todos\todas as pessoas, que dedicam tempo e disponibilidade a este jornal: gratíssimas colegas, por construirmos juntos um veículo de comunicação tão eficaz e inclusivo.

Mormente nossas saudações também incluem: nossa querida equipe da rádio Contraponto, por transmitir programas com pessoas tão generosas, aos\as colegas da Revista Brasileira para Cegos (RBC), por proporcionarem momentos de tantas reflexões e entretenimento, com uma turma que há oitenta anos nos prestigia com tantas informações relevantes.

Contudo, o jornal Contraponto não pode deixar de agradecer às pessoas que, com muito carinho e sensibilidade, gravam nossos audiobooks, sejam eles didáticos e\ou histórias de ficção. Nossa mais sincera gratidão!

Vale aqui ressaltar também, o trabalho de cidadãos\cidadãs que trabalham no combate aos problemas sociais. Independentemente de qualquer Governo, são os\as oluntários\voluntárias que realmente auxiliam no combate à fome no Brasil, citamos as Ongs tão levianamente agredidas, que levam comida para quem tem fome, assim como distribuem água potável, através da implantação de cisternas, o que auxilia um contingente imenso da população brasileira.

Portanto, se você ainda não encontrou uma causa em que colaborar, não deixe de refletir sobre isso.

Acredite que você poderá trazer conforto a milhares de pessoas, que, nem ao menos te conhecem, e, os frutos deste engajamento virão em forma de mensagens e\ou sorrisos carinhosos.

Seja você também um anjo sem asas e entre nos corações dos mais necessitados, pois um pouco do seu tempo pode não significar nada para você, porém, terá uma importância enorme para quem o receberá.

Pense nisso!

Um forte abraço e até a próxima edição do jornal Contraponto.

\*Nota da colunista

No artigo sobre o dia dos\das escritores\escritoras, dissemos que a data celebrava-se no dia vinte e seis do mês passado; na verdade, o dia do escritor comemora-se no dia vinte e cinco de julho.

Por isso, pedimos desculpas pelo engano, na verdade, o dia vinte e seis é o dia das avós, que aliás, também merecem todo o nosso carinho e amor.

Lúcia Mara Formighieri

# 19. BENGALA DE FOGO

O Cego versus o Imaginário Popular

coluna livre

(contraponto.exaluibc@gmail.com)

\* Assis Ângelo, cego há sete anos, lança cordéis sobre a pandemia

Jornalista e poeta é o criador do Instituto Memória Brasil, sobre

cultura popular brasileira

Após passar a vida inteira estudando a arte popular brasileira, em

especial a nordestina, e acumular cerca de 8.000 folhetos de cordel, o

jornalista e poeta Assis Ângelo resolveu se aventurar na composição de alguns.

Aos 68, Ângelo lançou quatro folhetos neste ano, e todos eles se referindo

à epidemia que assola o país.

“Coronavírus: Piolho do Cramunhão Faz o Mundo Todo Tremer”;

“Repórter Entrevista Piolho do Cramunhão”;

“Serpente Quer Pôr Ovo no Coração do Brasil”, e

“Jornalismo e Liberdade nos Tempos de Pandemia”

são os quatro títulos escritos.

Cramunhão, para que não está familiarizado, é o Diabo, Satanás,

Belzebu, o Capeta, enfim. Ou, em algumas regiões, pode ser um diabinho

entregue pelo Diabo para servir determinada pessoa pelo resto da vida.

Já piolho do Cramunhão foi a forma que Ângelo encontrou para se referir

ao coronavírus.

Na entrevista que dá ao cordelista em um dos folhetos, o piolho fala

de suas diabruras:

“Quem chora é bicho mole/

Não merece salvação/

Comigo é diferente/

Sou macho sem coração/

Pois eu pego, mato e como/

Como faz bom gavião”.

“Não vi nenhum cordelista fazer algo a respeito”, afirma Ângelo.

“Então em março já lancei o primeiro. A cultura popular é a mais

importante que existe, é a formação do cidadão.”

Paraibano de João Pessoa, o poeta lembra quando ouvia cordéis ainda

menino, nas feiras da cidade.

“Os vendedores ficavam recitando as estrofes e, quando chegavam na hora H, eles paravam.

Para que as pessoas comprassem para ler o final das histórias. Isso me marcou muito”, conta ele, em seu apartamento nos Campos Elíseos, região central de São Paulo.

Ali, entre os milhares de itens de seu acervo, Ângelo vive em escuridão total e solitária

há sete anos. Ele teve deslocamento de retina e perdeu completamente a visão dos dois olhos.

“Não teve pancada nem acidente. Eu estava apresentando um projeto no Rio de Janeiro. Estava no palco lendo um folheto sobre Luiz Gonzaga.

No meio, passei a entender menos, parecia que tinham formigas andando nos meus olhos.

Quando terminou, comecei a chorar. Estava cego.”

O poeta se consultou com diversos especialistas, fez “sete, oito, nove” cirurgias no Hospital das Clínicas, mas nada foi recuperado.

“Dias depois, minha mulher me abandonou”, conta ele.

Ângelo começou a carreira de jornalista ainda na Paraíba, mas desde 1976 está radicado

em São Paulo, onde trabalhou como repórter nesta Folha (escreveu na Ilustrada e no Folhetim), no Diário Popular e foi chefe de reportagem política no Estado de S. Paulo.

Passou ainda pela rádio Jovem Pan e pelas TVs Globo e Cultura.

Pode-se dizer que São Paulo entrou em seu sangue. Um de seus estudos mais interessantes, fruto de 23 anos de trabalho, foi o “Roteiro Musical da Cidade de São Paulo”.

A pesquisa, que resultou numa exposição no Sesc em 2012, reunia 3.000 canções que citam São Paulo ou seus bairros na letra, além de documentos, áudios, partituras, fotografias, matérias de jornais e depoimentos, letras e canções.

Falando em pesquisa, ele gostaria que alguma instituição séria se interessasse por sua coleção. São itens como discos, fitas, jornais, etc. sobre a cultura popular brasileira.

"Seria ótimo se isso fosse catalogado, digitalizado e ficasse à disposição do público.”

Parte desse acervo está no site do Instituto Memória Brasil, que o jornalista mantém.

Além disso, escreve diariamente em seu blog

(assisangelo.blogspot.com),

com a ajuda de um jornalista recém-formado e de uma estudante de artes plásticas.

Ângelo dita os textos por telefone. Volta e meia, recebe a visita de suas filhas.

Com uma memória prodigiosa, ela lamenta não encontrar trabalho após o problema de visão.

“Eu fiquei cego, mas são os outros que não me veem. Virei um ser invisível”, diz.

Escuta dois ou três audiolivros por mês, coisas como Guimarães Rosa e Camões

(do qual diz saber recitar decorado metade d’“Os Lusíadas”) e Monteiro Lobato

(de quem ouvia Jeca Tatu no dia desta entrevista).

“Difícil mesmo é lutar contra a solidão e a depressão”, conta Assis Ângelo, que sonha transformar em realidade a ideia de um programa para cegos, apresentado por um cego.

“Será que não interessaria à TV Cultura?”

//fonte:

https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/12/assis-angelo-cego-ha-sete-anos-lanca-cordeis-sobre-a-pandemia.shtml

\* Atenção: coluna aberta ao público leitor.

# 20. NOSSOS CANAIS

Departamento de Tecnologia e Gerenciamento da Informação (tecnologia.exaluibc@gmail.com)

\* NOVIDADES NOS CANAIS

\* Rádio Contraponto(radiocontraponto.org.br)

- A programação da RC, continua passando por modificação, visando um novo formato.

- Convite:

Caso você tenha interesse em veicular algum programa na rádio contraponto

(produzindo/apresentando) nos contate e apresente seu projeto.

Na RC existe um espaço desafiando sua criatividade.

Acesse o blog da RC

(radiocontraponto.org.br)

na sua versão atualizada.

\* Jornal Contraponto(jornalcontraponto.exaluibc.org.br)

Em agosto tivemos, para nossa alegria, novos leitores inscritos no nosso cadastro.

\* Escola virtual José Álvares de Azevedo

- As oficinas de informática (amigos touch e universo win)

dirigidas por Aguinaldo Pestana e Wagner Lima, agora fundidas numa oficina única

(amigos touch / universo win), sendo veiculadas as segundas-feiras as vinte horas.

continuará assim, neste novo formato, "socializando as informações", a partir do

intercâmbio, marca da escola virtual José Álvares de Azevedo.

A lista de inscritos na lista da escola virtual José Álvares de Azevedo

ultrapassou em agosto a expressiva marca de 400 (quatrocentos) leitores.

\* Canal da associação dos Ex-alunos do I B C no youtube

O canal da associação(canal contraponto), continua sendo alimentado,

com as lives realizadas pelo canal.

Asim como, semanalmente com o evento "ENCONTRO ECUMENICO.

- O projeto "Os deficientes visuais e as urnas"

Onde os candidatos deficientes visuais nas eleições são entrevistados pela RC, está de volta.

Agora via live, veiculada no canal contraponto.

Mais uma entrevista foi levada ao ar no dia 25/agosto/2022:

entrevistamos Silvia Cristina Oliveira da Silva - candidata pelo estado da Bahia.

Confira no canal, e, se ainda não o fez, faça agora:

Acesse e se inscreva no canal da associação no youtube:

https://www.youtube.com/channel/UC3uFzczLUDpKQXROw7BZEjQ

P.S. Visite nosso canal, se inscreva, divulgue,

isto é importante para a afirmação da nossa entidade.

# 21. CLASSIFICADOS CONTRAPONTO

COLUNA LIVRE (contraponto.exaluibc@gmail.com)

\* Aos 15 anos, jovem porto-alegrense com deficiência visual lança livro de poesias

"Vozes Noturnas" é a primeira publicação de Clarissa Monteiro

21/01/2022

Ela tem 15 anos e um gosto por literatura que cresceu junto com ela.

Moradora da Zona Sul de Porto Alegre, a estudante Clarissa Monteiro

agora tem também um livro em que, abaixo do título, o nome que está é o seu.

Intitulada Vozes Noturnas (Editora Leia Livros; 100 páginas), a publicação foi lançada

em dezembro e é a primeira da jovem escritora.

A obra reúne um conjunto de 37 poesias produzidas de 2019 em diante.

— Quem está afim de ler alguma coisa diferente, para sair da rotina,

vai gostar — garante.

O livro passa por temas sombrios, existenciais e também filosóficos e o

título busca expressar isso, dando os ares de algo misterioso e místico,

descreve a autora, que tem deficiência visual, assim como seus pais,

por conta de um glaucoma.

Vozes Noturnas pode ser adquirido em formato físico ou digital pelo

site da editora (www.leia-livros.com).

Uma versão em braille deve ficar disponível no final de fevereiro

e ser doada para instituições que trabalham com pessoas com deficiência visual,

para a Biblioteca Pública do Estado e para o Instituto Estadual do Livro.

Um audiobook é planejado para o primeiro semestre deste ano.

Desde pequena

Nada mais nada menos do que Augusto dos Anjos, Charles Baudelaire,

Edgar Allan Poe e Florbela Espanca estão na lista de escritores nos

quais Clarissa se inspira.

Quanto aos gêneros, terror e suspense chamam a sua atenção.

Mas o mundo da literatura é também seu mundo desde a infância e uma

grande incentivadora foi sua mãe, Vera Valentim, professora e revisora

de livros em braille da Secretaria da Educação.

Por lazer, ela contava histórias para a filha desde bebê. E lembra que,

por volta dos quatro anos da menina, o livro do clássico Sítio do Picapau Amarelo,

de Monteiro Lobato, na versão original, chamou a atenção da pequena.

— Ela já se esforçava para entender tudo e já tinha curiosidade, Já prestava

atenção e não queria parar quando o capítulo acabava, era muito interessante

para ela. Então eu já vi que era algo diferenciado — recorda Vera.

Juntas, mãe e filha também costumavam criar e escrever histórias por

puro divertimento —sem imaginar o que viria no futuro.

Foi aos 10 anos, então, que a menina começou a dar seus próprios passos

na escrita.

O interesse pela poesia surgiu um pouco depois, segundo Clarissa, quando quis

buscar formatos para além dos contos, que costumava escrever, e entrou em contato

com as obras de alguns poetas.

Mas, ainda com um ano e poucos meses, a menina já gostava de brincar com as palavras, inventando e rimando, conta Vera.

E se a mãe teve um papel crucial no início da caminhada da menina pela

literatura, hoje o cenário se inverte:

— Agora é meio que ao contrário, ela que me indica os livros — destaca Vera.

Rotina de uma jovem escritora

Aluna do primeiro ano do Ensino Médio do Instituto Santa Luzia, na

Capital, Clarissa usa os horários alternativos aos da escola para pôr em

prática seu lado literário. Ela gosta de escrever todos os dias,

principalmente, de madrugada. A inspiração surge pelos seus sentimentos

ou, como diz, às vezes simplesmente aparece.

Para escrever, utiliza o bloco de notas do celular e tem como aliado

um recurso de acessibilidade do próprio dispositivo.

Embora a deficiência a tenha acompanhado ao longo da trajetória,

Clarissa explica que não é o grande assunto dos seus escritos.

— É o ponto de vista de uma pessoa com deficiência, então

talvez seja um pouco diferente, mas eu tento não focar só nisso.

O livro

Vozes Noturnas partiu de um trabalho da adolescente de reunir,

organizar e selecionar o que havia produzido nos últimos anos.

E de ir atrás de editoras até encontrar a que embarcou no seu projeto.

No evento de lançamento, Vera e Clarissa narraram algumas das poesias.

— Quando ela deu o primeiro passinho, eu chorei. Quando ela falou, eu

chorei. Agora quando ela escreveu, eu chorei de novo — relata Vera,

que revisou a primeira versão em braille do livro da filha e deve seguir

trabalhando na melhor adaptação do material.

Se Clarissa brinca com as palavras na escrita, na hora de falar sobre

o que sentiu ao ter seu primeiro livro publicado, elas faltam:

— Foi bem emocionante, foi muito bonito, muito emocionante, nem sei descrever.

Depois de finalizar a escola, a jovem quer ingressar na faculdade de Direito

— mas levando a literatura ao seu lado, na expectativa de ter mais publicações

ao longo do caminho.

Produção: Isadora Garcia

//fonte: https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/01/aos-15-anos-jovem-porto-alegrense-com-deficiencia-visual-lanca-livro-de-poesias-ckynix3n500a6015pp3wjd55n.html

# 22. FALE COM O CONTRAPONTO

CARTAS DOS LEITORES

(contraponto.exaluibc@gmail.com)

De: "Vanildo Vargas" <vanildo.cgviver@gmail.com>

Olá, srs diretores dessa casa.

Venho por meio dessa agradecer por todo esse tempo que tenho recebido o Jornal Contraponto. Gosto da forma que os companheiros expõem os assuntos. a maneira simples mas com seriedade e muita clareza.

É bom estarmos atualizados dos problemas visuais, e de tantos outros artigos

que nos dão um pronto feedback dos assuntos bem presentes com relação às nossas necessidades. E nos deixam ao par das leis que devemos recorrer em diversas situações.

Também quero dizer que fico na expectativa do novo Jornal assim que começa o mês.

Aproveito para desejar muitas felicidades a todos, e, o desejo que tenham sempre a ajuda de DEUS, para continuar esse maravilhoso trabalho.

Um abraço do Vanildo.

###

Nota da redação

Prezado leitor, obrigado por suas palavras gentis. Pensando em vc mantemos a motivação para nosso trabalho.

(Valdenito de Souza)

\*De:

"Edith Suli" <edithsuli9@gmail.com>

Caros amigos,

Agradeço muito pelo envio da revista Contraponto.

Sempre muito bem - vinda e muito apreciada.

Abraços,

Edith Suli

###

Nota da redação

Obrigada Edith, vc como sempre, atenciosa, gentil, um estimulo a mais na nossa caminhada.

(Valdenito de Souza)

Jornal Contraponto- canal de comunicação da Associação dos Ex-alunos do I B C

Conselho Editorial:

Ana Cristina Hildebrandt

Márcio Lacerda

Marcelo Pimentel

Leniro Alves

Valdenito de Souza

--

\* Cadastro de Leitores: Se você deseja ser um leitor assíduo de nosso jornal, envie uma mensagem (solicitando inscrição no cadastro de leitores), para: contraponto.exaluibc@gmail.com

\* Todas as edições do Contraponto estão disponibilizadas no site do jornal contraponto, confira em: jornalcontraponto.exaluibc.org.br

\* Participe (com críticas e sugestões), ajudem-nos aprimorá-lo, para que, se transforme realmente num canal consistente do nosso segmento.

\* Acompanhe a Associação dos Ex-alunos do I B C no Twitter: @exaluibc

\* Faça parte da lista de discussão dos Ex-alunos do I B C, um espaço onde o foco é: os deficientes visuais e seu universo.

Solicite sua inscrição no e-mail: tecnologia.exaluibc@gmail.com

\* Ouça a rádio Contraponto acessando seu blog oficial radiocontraponto.org.br; a web-rádio da associação: programas, músicas e muitas informações úteis.

\* Conheça a Escola Virtual José Álvares de Azevedo(escola.exaluibc.org.br): a socialização da informação em nome da cidadania.

\* Visite o portal da associação(exaluibc.org.br), um acervo de informações pertinentes ao segmento dos deficientes visuais.

\* Venha fazer parte da nossa entidade:

Associação dos Ex-Alunos do Instituto Benjamin Constant (existem vários desafios esperando por todos nós).

Lutamos pela difusão e socialização ampliada de atividades, eventos e ações voltadas para Defesa dos Direitos dos Deficientes Visuais.

---

\* Solicitamos a difusão deste material na Internet: pode vir a ser útil para pessoas que você sequer conhece.

\* Redator Chefe:

Valdenito de Souza, o nacionalista místico

Rio de Janeiro/RJ

---

"Enquanto houver uma pessoa discriminada, todos nós seremos discriminados."

Por que é mais fácil desintegrar um átomo do que desfazer um preconceito?!

Associação dos Ex-alunos do Instituto Benjamin Constant

(fundação: junho/1960)

- Departamento de Tecnologia e Gerenciamento da Informação